

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

MARIA LUIZA PÉROLA DANTAS BARROS

**O CASO NELSON DE RUBINA: GUERRA E COTIDIANO EM  
ARACAJU (1942-1943)**

São Cristóvão, dezembro de 2015.

MARIA LUIZA PÉROLA DANTAS BARROS

**O CASO NELSON DE RUBINA: GUERRA E COTIDIANO EM  
ARACAJU (1942-1943)**

Monografia apresentada à disciplina Pesquisa II  
como requisito parcial para conclusão do curso de  
Licenciatura em História, Centro de Educação e  
Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe.  
Orientador: Prof. Dr. Dilton Cândido Maynard.

São Cristóvão, dezembro de 2015

Ao Sagrado Coração de Jesus, por quem nutro uma particular devoção.

Aos meus pais.

Ao meu diretor espiritual, pe. João Bosco Vieira Leite.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao Divino Pai Eterno pelo dom da vida, por minha família, amigos, por tudo que me tem confiado, e pela oportunidade de sempre poder recomeçar e buscar acertar, mesmo em meio as dificuldades e contrariedades da vida. Creio que tudo é providência Vossa.

A meu pai, Luiz Barros, pelo imenso esforço empreendido durante todos esses anos para que eu tivesse uma boa educação, por me acompanhar em minhas atividades, por sua presteza, por sempre acreditar em mim e apoiar os meus projetos.

A minha mãe, Rita de Cássia, minha companheira de jornadas, que uma vez me disse que em suas veias ao invés de sangue circulava “Luiza”, só para se referir que vivia em minha função. O meu muitíssimo obrigada pelo seu tempo e carinho dedicados a mim toda a vida. Com você divido as alegrias e tristezas da vida, e em particular desses anos de graduação. Obrigada por sempre dispor de seu tempo para que eu pudesse repassar incontáveis vezes minhas apresentações, as aulas dos estágios, os assuntos para as provas, até as pautas das reuniões, até que saísse tudo o melhor que eu conseguia fazer, mesmo que para tanto avançássemos a noite. Por mais que eu escrevesse aqui ainda seria pouco para descrever tão grande mãe. Novamente meu singelo obrigada.

A minha irmã Fernanda Joaquina, que com sua descontração tornou tantas vezes a seriedade da graduação mais leve.

A minha querida vó Maria que, com suas incessantes orações, é um sustento em minha caminhada.

Agradeço também de maneira especial ao meu orientador, prof. Dilton Maynard. Como já lhe disse, o senhor é um dos poucos professores, ao meu ver, desta graduação que realmente têm interesse em motivar os alunos à aprenderem. Muito mais que os assuntos bem trabalhados nas aulas de História Moderna ou de História Contemporânea, o senhor nos dá uma aula de como sermos “seres humanos”: ter paciência com as limitações do próximo, tratar todos como iguais, ter respeito por todos, mesmo que tantas vezes isso não lhe seja recíproco. Muito obrigada por tão valorosas lições.

Ao meu confessor, diretor espiritual, amigo e “quebra-galho” para os trabalhos acadêmicos, padre João Bosco Vieira Leite, por me acompanhar nesses cinco anos que

nos conhecemos e por me inspirar sempre a levar adiante os meus projetos e a não desistir de tentar melhorar. Com te disse algumas vezes, parte do mérito dessa graduação também é seu.

Aos amigos da Paróquia São Domingos Sávio, minha segunda casa, na pessoa do nosso tão estimado pároco, padre Gilvan José de Carvalho que, com suas orações, se fizeram presentes nesses anos de graduação, em particular ao Apostolado da Oração, na pessoa da coordenadora, e minha grande amiga, Suerda Peixoto; a equipe da Catequese das crianças, nas pessoas dos meus amigos catequistas Fátima, Idelvita, Nice, Gouveia e Nilma, juntamente com as crianças que formaram a turma 2014-2015: Ana Beatriz, Ana Cecília, Anne Caroline, Elaine, Emilly, Evelyn, Gabrielle, Giulia, Gysellen, Isadora, Joyce, Letícia, Maria Eduarda, Maria Fernanda, Maria Luíza, Mariana, Sílvia, Alisson, Anthony, Danilo, Gabriel Mendonça, Ícaro, João Paulo, João Gabriel, José Gabriel, Kauã, Lucas, Manoel, Pedro Fontes, Pedro Manoel e as crianças do Instituto Dom Bosco, com as quais dividi minhas tardes aos sábados e mais que ensinar, era eu quem aprendia lições valiosas. Agradeço ainda a antiga equipe de Leitores, a qual coordenei por um período de 2013. Coordenar pessoas tão diferentes ajudou, e muito, na minha formação como ser humano.

À Raquel Anne, por ser um exemplo de estudante, uma grande amiga da graduação e por, mesmo às vezes distante fisicamente, sempre se prestar a me socorrer nas dificuldades acadêmicas.

Aos colegas do GET/UFS que tão bem me acolheram e dos quais sempre tiro uma nova aprendizagem.

A turma da qual fui membro, 2011.1, com quem dividi os pesos e somei as alegrias da graduação.

Aos grandes professores que tive no tempo de colégio e que me inspiraram a também querer se professora, entre eles: Genival Melo, Everton dos Santos, José Gouveia, Kátia, Otávio, Anderson Sanches, todos professores de História, e aos outros tantos professores que, em diferentes disciplinas, me ensinaram muito mais que conteúdo, ensinaram o tipo de profissional que quero ser: dedicada, atenta as necessidades do próximo e, principalmente, humilde. Também agradeço aos professores do Departamento de História da UFS, que de maneiras tão diversas, colaboram para a construção de novos profissionais.

## **RESUMO**

Esta monografia faz parte do projeto “Memórias da Segunda Guerra em Sergipe”, apoiado pela FAPITEC e pelo CNPq através do edital Pronem 2011, e se propõe a analisar o cotidiano de Aracaju no pós-torpedeamentos de 1942, mais especificamente a recepção dos aracajuanos àquele evento digno de um filme de terror. No período em questão, o Brasil vivenciava as imposições e o controle em todas as instâncias do Estado Novo (1937-1945), sob o comando de Getúlio Vargas. O mundo passava pelo seu pior conflito bélico já travado, a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), que até agosto de 1942, data dos torpedeamentos, só se fizera sentir no país de maneira indireta, principalmente pela economia. Com os torpedeamentos de embarcações brasileiras na costa entre os estados da Bahia e de Sergipe pelo submarino alemão U-507, os aracajuanos puderam sentir de perto os horrores daquela guerra. As notícias dos naufrágios demoraram a circular, e quando chegaram ao conhecimento da população local, esta se prestou a ir até as praias onde davam os corpos dos náufragos para prestar auxílio, quer recolhendo corpos das vítimas e enterrando-os, quer buscando sobreviventes. Mas ajudar não era o objetivo de todos os que ali acorriam. É pela análise da Apelação Crime de 1943, instaurada para averiguar o caso de Nelson de Rubina, que sabemos que naquele contexto também existiam pessoas que buscavam tirar algum proveito próprio de toda aquela situação sem precedentes históricos.

Palavras-chave: Cotidiano, Pós-torpedeamentos, Segunda Guerra Mundial, Aracaju, Nelson de Rubina.

## **ABSTRACT**

This monograph is part of the "Memories of World War II in Sergipe" supported by FAPITEC and CNPq through the announcement Pronem 2011 and aims to analyze the daily life of Aracaju in 1942 after torpedeamentos, specifically the receipt of Aracaju that event worthy of a horror movie. In the period, Brazil was experiencing the impositions and control in all new state institutions (1937-1945), under the command of Getulio Vargas. The world was at its worst armed conflict already locked, the Second World War (1939-1945), who until August 1942, date of torpedeamentos, only made itself felt in the country indirectly, mainly by economics. With torpedeamentos of Brazilian vessels on the coast between the states of Bahia and Sergipe by the German submarine U-507, the near Aracaju could feel the horrors of that war. The news of the shipwrecks were slow to move, and when they came to the attention of the local population, this has been paid to go to the house that pushes beaches gave the bodies of the castaways to provide aid or collecting victims' bodies and burying them or seeking survivors. But help was not the goal of those who flocked there. It is by analyzing the Appeal Crime 1943, established to investigate the case of Nelson Rubina, we know that in that context too there were people who sought to get something out of himself all that historically unprecedented situation.

**Keywords:** Daily Life, Post-torpedeamentos, World War II, Aracaju, Nelson Rubina.

## SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO .....	01
2- A ARACAJU DE NELSON DE RUBINA .....	06
3- ÁLBUM FOTOGRÁFICO DO INÍCIO DA DÉCADA DE 1940 .....	20
4- O SENHOR DOS ANÉIS – O CASO NELSON DE RUBIN A.....	28
5- CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	44
6- GLOSSÁRIO .....	47
7- FONTES .....	52
8- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	54



## INTRODUÇÃO

1942. O mundo estava mergulhado em um dos piores conflitos bélicos da história: a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Diferentemente da Primeira Guerra (1914-1918), nela não se sabia ao certo qual o inimigo ou qual o motivo que justificava as atrocidades cometidas; alianças entre os países se modificavam constantemente; matava-se simplesmente pelo ideal de raça. Todos estes fatos serviam apenas para mostrar ao mundo que a paz não encontraria morada entre as nações envolvidas.

Sem sombra de dúvidas, entre os conflitos bélicos travados no século XX, a Segunda Guerra atingiu o mais alto patamar de uma escala de horrores até então impensável, deixando um rastro de destruição por onde passou, como afirma Tony Judt, em *Pós-Guerra: uma história da Europa desde 1945*<sup>1</sup>:

Na sequência da Segunda Guerra Mundial, a perspectiva da Europa era de miséria e desolação total. Fotografias e documentários da época mostram fluxos patéticos de civis impotentes atravessando paisagens arrasadas, com cidades destruídas e campos áridos. Crianças órfãs perambulam melancólicas, passando por grupos de mulheres exaustas que reviram montes de entulhos. Deportados e prisioneiros de campos de concentração, com as cabeças raspadas e vestindo pijamas listrados, fitam as câmeras, com indiferença, famintos e doentes. Até os bondes parecem traumatizados – impulsionados por corrente elétrica intermitente, aos trancos, ao longo de trilhos danificados. Tudo e todos – exceto as bem nutridas forças de ocupação – parecem surrados, desprovidos de recursos, exauridos. (JUDT, 2008, p. 27)

Judt afirma ainda que, em relação à guerra anterior, a Segunda Guerra Mundial foi uma experiência universal (p.28), ou seja: não ficou restrita aos países europeus, mas se irradiou, qual onda sonora, pelo mundo, fazendo seu eco ressoar também além-Atlântico, chegando ao Brasil, a Sergipe, por exemplo.

No período em questão, nosso país vivia o Estado Novo (1937-1945) sob o comando de Getúlio Vargas, notoriamente influenciado pelas experiências europeias autoritárias do nazismo e, principalmente, do fascismo. Em virtude disso, o Estado brasileiro se ocupava “de todo cidadão formando sua consciência individual e coletiva através da propaganda e da educação. (OLIVEIRA, 1982, p.25)

---

<sup>1</sup>JUDT, Tony. **Pós-Guerra: uma história da Europa desde 1945**. Trad. José Roberto O’Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

De acordo com essa concepção, o Estado seria a realização concreta da nação. Toda informação veiculada passaria pelo crivo do DIP<sup>2</sup>, a nível nacional, e do DEIP<sup>3</sup>, a nível estatal. Além disso, a “moral” constituía um dos pilares do governo, juntamente com o ideal de trabalho, além do anticomunismo e da exaltação da pátria. Assim, características relacionadas à moral, tais como: castidade, recato, clausura, verdade, ordem, docilidade, união, consciência, força, virtude; e características relacionadas ao ideal de trabalho, tais como: produtividade, esforço, energia, ordem, por exemplo, seriam componentes do modelo de *homem novo*, proposto pelo Estado, e deveria ser seguido por todos, em vista do bem-estar coletivo.

Um pouco antes da Segunda Guerra chegar ao Brasil, a política de Vargas em relação ao cenário internacional era de “neutralidade. “Ele (Vargas) procurava manter-se, no plano internacional, equidistante em relação tanto ao imperialismo mercantil ianque como ao imperialismo romântico germânico”. (TOTA, 2000, p.27)

Com o início do conflito mundial, todos os estados da federação sofreram, em maior ou menor intensidade, impactos em seu cotidiano diante, por exemplo, da escassez de produtos e do aumento dos preços dos gêneros alimentícios e combustíveis, e em Sergipe não fora diferente. De acordo com Andreza Santos Cruz Maynard, em artigo intitulado *Carestia e roubo de galinha: problemas no cotidiano de Aracaju*<sup>4</sup>

Em Aracaju o impacto mais cruel do enfrentamento bélico veio com o afundamento dos navios na costa sergipana, entre 15 e 17 de agosto de 1942. O submarino alemão U-507 torpedeou embarcações *Baependy*, *Araraquara*, *Aníbal Benévolo*, *Itagiba* e *Arará*, quando as mesmas se encontravam entre o litoral de Sergipe e Bahia. A morte de centenas de brasileiros, incluindo mulheres e crianças, chocou a população de todo o país, particularmente daqueles que estavam mais próximos aos locais dos ataques do U-507. (MAYNARD, 2013, p.37)

Foi justamente nesse período em que o mundo vivia a mais atroz guerra; em que o Brasil, sob o comando de Vargas, passava por um processo de moralização e via-se, ao mesmo tempo, atingido pelo conflito: inicialmente de maneira indireta através das restrições econômicas e, posteriormente, de forma incisiva pelo afundamento dos navios em sua costa, pelo submarino alemão em missão no Atlântico, o *U-507*; em que a população de Sergipe

<sup>2</sup> Departamento de Imprensa e Propaganda.

<sup>3</sup> Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda.

<sup>4</sup> MAYNARD, Andreza Santos Cruz. Carestia e roubo de galinhas: problemas no cotidiano de Aracaju. IN MAYNARD, Andreza Santos Cruz & MAYNARD, Dilton Cândido Santos (org.). **Leituras da Segunda Guerra Mundial em Sergipe**. São Cristóvão: Editora UFS, 2013.

estava, teoricamente, consternada com os acontecimentos que sucederam os torpedeamentos, dignos de um filme de terror: destroços das embarcações torpedeadas, além de pertences de vítimas, corpos inchados e, em muitos casos, já em avançado grau de putrefação, por exemplo, davam às praias sergipanas pelo balanço das ondas; em que divulgava-se oficialmente que toda a população sergipana se mobilizava, de alguma forma, para prestar auxílio: recolhendo os corpos, acolhendo os poucos sobreviventes, destinando os objetos encontrados nas areias da praia às autoridades responsáveis, apenas no intuito de ajudar na identificação dos corpos e de aliviar o sofrimento dos parentes vivos; justamente nesse momento, em que o chefe de polícia de Aracaju, Enoch Santiago, dizia, de forma estereotipada, que o sergipano era “pacato, correto e solidário”, que algo um tanto inusitado aconteceu.

Na manhã de 18 de agosto de 1942, grande parte dos aracajuanos puderam ler nos jornais sobre a crueldade dos acontecimentos em sua costa, e começaram a se questionar sobre qual motivo justificaria ceifar a vida de centenas de brasileiros daquela maneira. A partir daí muitos passaram a se dirigir às praias onde davam os corpos para prestar auxílio, quer recolhendo os corpos, identificando e enterrando-os, de acordo com a tradição, quer buscando possíveis sobreviventes. Mas ajudar não era o único motivo para que as pessoas se dirigissem às praias.

Um sergipano, natural de Maruim, com 39 anos de idades, também se dirigiu às regiões onde davam os corpos dos náufragos. Era Horácio Nelson Bittencourt, conhecido por muitos como simplesmente Nelson de Rubina. Ele não fora só, mas acompanhado por mais quatro pessoas, em direção à praia de Atalaia. Inicialmente buscavam pelo corpo de um conhecido. Não acharam, porém, a viagem para Rubina não seria em vão. Por volta do meio dia daquela terça-feira<sup>5</sup>, o grupo de deparou com mais um cadáver trazido pelas ondas do mar. Era o de uma mulher, que possuía nas mãos três anéis, prontamente retirados por Nelson de Rubina, sob pretexto de entregá-los à polícia naquele mesmo dia.

O caso de Nelson de Rubina chegou até nós através da Apelação Crime<sup>6</sup> instaurada em 1943. Por meio dela é que sabemos que Rubina não efetuou a entrega dos anéis à polícia, nem naquele dia, nem em dia algum. Muito pelo contrário, ele negociou dois dos três anéis, os de maior valor, em Maceió e em Salvador, o que lhe rendeu uma quantia considerável, principalmente se adquirida sem o mínimo de esforço.

---

<sup>5</sup> Dia da semana precisado pelo jornal Folha da Manhã. **Folha da Manhã**. 18 ago.1942, 1.

<sup>6</sup> Tribunal de Apelação do Estado de Sergipe, 1943.

Além do dinheiro “extra”, Nelson de Rubina conseguiu também um processo, que lhe rendeu uma prisão em 26 de novembro de 1942, por furto e vilipêndio do cadáver do naufrágio.

Tendo em mãos a principal fonte da pesquisa, a Apelação Crime de 1943, foram feitas leituras que ajudassem a explorá-la. Em um momento inicial houve a indicação de obras que abordassem a temática da Segunda Guerra de maneira mais geral, buscando entender o cenário brasileiro durante o conflito. Nesse momento destacamos obras<sup>7</sup> como *O Brasil e a Segunda Guerra Mundial*; *O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*; *Estado Novo: ideologia e poder*; *O ardil totalitário: imaginário político no Brasil dos anos 30*; *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*, por exemplo.

Num segundo momento houve a indicação de leituras que ajudassem a pensar Sergipe no contexto da referida guerra, entre as quais destacamos as obras *Leituras da Segunda Guerra Mundial em Sergipe*; *Visões do Mundo Contemporâneo*; por exemplo, além das produções de artigos e resenhas do GET/UFS.

Houve ainda a indicação de leituras que contribuíssem para melhor “interrogar” a principal fonte da pesquisa, a Apelação Crime de 1943. Neste ponto destacam-se as obras de Natalie Zemon Davis, *Histórias de perdão e seus narradores na França do século XVI*<sup>8</sup>. A autora trabalha também com narrativas de crimes: as cartas de perdão, instrumento jurídico utilizado pelos súditos para clamar pelo perdão real. Ela busca mostrar, através da História Cultural, como as pessoas do século XVI contavam histórias, e acaba por nos ajudar a entender as narrativas de crimes do presente, como é o caso de Nelson de Rubina. Também nos valem aqui da influência da obra de Carlo Ginzburg, *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*<sup>9</sup>, para pensarmos a nossa personagem.

---

<sup>7</sup>CAPELATO, Maria Helena R. **Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo**. Campinas, SP: Papirus, 1998.

CABRAL, Ricardo; FERRER, Jorge; LAPSKY, Igor; SCHURSTER, Karl; SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (org.). **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2010.

DUTRA, Eliana de Freitas. **O ardil totalitário: imaginário político no Brasil dos anos 30**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/ Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.

GOMES, Ângela Maria Castro, OLIVEIRA, Lúcia Lippi e VELLOSO, Mônica Pimenta. **Estado Novo: Ideologia e Poder**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

TOTA, Antônio Pedro. **O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

<sup>8</sup>DAVIS, Natalie Zemon. **Histórias de perdão e seus narradores na França do século XVI**. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

<sup>9</sup>GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. Trad. Maria Betânia Amoroso. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

O presente trabalho se insere na tentativa de expandir a visão em relação aos acontecimentos que sucederam a chegada dos corpos dos náufragos à costa sergipana. Qual a recepção dos aracajuanos àqueles acontecimentos? Como aquela sociedade, que passava por um processo moralizador em virtude do Estado Novo, recepcionou o caso de Nelson de Rubina? Como tudo isto nos ajuda a entender o contexto cultural vivenciado pelo país no início da década de 1940?

Para entendermos a recepção da sociedade ao caso de Nelson de Rubina, se faz necessário compreendermos inicialmente o funcionamento da cidade que se transformou em cenário para o desenrolar de nossa história. É o que veremos no capítulo intitulado: *A Aracaju de Nelson de Rubina*. Em *Álbum fotográfico do início da década de 1940* destacamos a maneira como eram veiculados os anúncios comerciais de Aracaju nos impressos da época. Já em *O senhor dos anéis – o caso Nelson de Rubina*, entenderemos como se processou a nossa história e seus desdobramentos no cotidiano da pequena cidade de Aracaju.

## A Aracaju de Nelson de Rubina

Sempre que chegamos em uma “nova cidade”, que até então só conhecíamos pelo “ouvir falar”, é normal termos a curiosidade de aprender um pouco mais sobre o local. A história, o cotidiano de seus habitantes, a cultura, os pontos turísticos, até mesmo os boatos de um lugar recém conhecido se tornam extremamente atrativos para que os visitantes tirem suas próprias conclusões sobre o local que estão pisando pela primeira vez.

Neste capítulo, a cidade “nova” que visitaremos é Aracaju. Não a Aracaju dos dias atuais, também conhecida como “cidade da qualidade de vida”. Mas a Aracaju compreendida entre o final dos anos de 1930 e o início da década de 1940. Entender seu cotidiano e seu funcionamento é importante para percebermos a recepção da sociedade da época ao caso de Nelson de Rubina. Vamos a uma definição inicial:

Localizada na região nordeste do Brasil, Aracaju é uma das cidades litorâneas da costa atlântica brasileira. Mais concretamente é a capital do Estado de Sergipe, o menor estado da Federação. Na costa sergipana, Aracaju está quase equidistante do limite sul como Estado da Bahia e do limite norte com o Estado de Alagoas. A situação geográfica mais precisa situa a capital sergipana na margem direita do rio Sergipe, nas proximidades de sua desembocadura no Oceano Atlântico. (VILAR, 2000, p. 4)

A cidade de Aracaju no início da década de 1940 possuía uma população urbana de cerca de 65.692 habitantes<sup>10</sup>, representando, de acordo com Cid Olival Feitosa<sup>11</sup>, 30,3% da população do Estado de Sergipe, com uma taxa de crescimento entre os anos de 1940 e 1950 considerada alta (3,0) se comparada ao crescimento de outras cidades do Estado, como Propriá (2,1), ou Itabaiana (2,7), por exemplo.

Nas palavras de Waldefrankly Rolim de Almeida Santos, em artigo intitulado *Modernidade e Moradia: aspectos do pensamento sobre a habitação popular no processo de modernização das cidades sergipanas (1890-1955)*<sup>12</sup>:

Os anos entre 1900 e 1960 foram de intenso crescimento populacional. O número de habitantes passou de 21.132 para 114.162. Um aumento populacional de 440,2 %.

---

<sup>10</sup>População do Brasil segundo as Unidades Federadas e respectivas capitais, ESTIMATIVA DE DEZEMBRO DE 1939. **Correio de Aracaju**. Aju. 30 jul. 1940, 4.

<sup>11</sup>FEITOSA, Cid Olival. Reflexões acerca do urbano em Sergipe. In: **Revista Econômica do Nordeste. Fortaleza**. v. 37, nº 3, jul-set. 2006.

<sup>12</sup>SANTOS, Waldefrankly Rolim de Almeida. Modernidade e Moradia: aspectos do pensamento sobre a habitação popular no processo de modernização das cidades sergipanas (1890-1955). In: **Revista do IHGSE**. Aracaju, n. 40, pp. 93 - 112, 2010.

Somente entre 1940 e 1960, o aumento representou 93,4 % do total. Esses vinte anos foram, dessa forma, os de maior crescimento demográfico. (SANTOS, 2010, p. 96)

Percebemos assim que na década de 1940, Aracaju passava por um crescimento demográfico nunca visto antes. Muito desse aumento populacional também ocorreu em virtude de correntes migratórias vindas do interior, em busca de emprego e melhores condições de vida, que acabaram por engrossar as fileiras de ocupações informais – biscates, serviços domésticos, venda ambulante - como forma de sustento familiar.

Este crescimento, como nos mostra Adriana Dantas Nogueira, em *Análise sintático-espacial das transformações urbanas de Aracaju (1855-2003)*<sup>13</sup>, seguia na década em questão em direção ao Oeste:

Seguindo ramais da ferrovia (Av. Rio de Janeiro e Av. São Paulo) e do eixo rodoviário e surgem as primeiras ruas do bairro “Aribé” (atual Bairro Siqueira Campos), o bairro Dezoito do Forte e mesmo o bairro Santo Antônio (antigo povoado), o bairro Joaquim Távora. Todos eles surgiam sem o “apoio governamental” e abrigavam a população mais humilde economicamente, a qual procurava sempre o solo mais “barato”. (NOGUEIRA, 2004, p.181)

Antes de darmos prosseguimento, vale ressaltar que, ainda de acordo com Santos, em *Prostituição, cidade e imprensa: um ensaio sobre Aracaju na era Vargas (1937- 1945)*<sup>14</sup>:

A cidade de Aracaju aparece, então, dividida entre o seu cartão postal, centro, região de maior controle e policiamento dos comportamentos e uma outra, mais escondida, que nem todos, pelas conveniências morais da época, se arriscavam em visitar: a sua periferia! As regiões escondidas aparecem nos relatos muito mais como espaços do prazer que como lugar da moradia das populações com menor nível de instrução e com muitas pessoas que vieram do interior a procura de trabalho, de níveis de pobreza mais evidentes, com modos de habitar diferenciados, bem como outros hábitos de consumo dos espaços. (SANTOS, 2011, p.314)

Vemos assim que a cidade aracajuana não era sinônimo de algo único. A população estava, como afirma Adênia Santos Andrade, em *João Pessoa e Laranjeiras: duas ruas no imaginário cultural e patrimonial entre as décadas de 20 e 40 do século XX*<sup>15</sup>:

<sup>13</sup>NOGUEIRA, Adriana Dantas. *Análise sintático-espacial das transformações urbanas de Aracaju (1855-2003)*. (Tese de Doutorado) Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2004.

<sup>14</sup>SANTOS, Waldefrankly Rolim de Almeida. *Prostituição, cidade e imprensa: um ensaio sobre Aracaju na era Vargas (1937- 1945)*. In: *Revista Cordis: História, Corpo e Saúde*. n.7, jul./ dez. pp.311-336, 2011.

<sup>15</sup>ANDRADE, Adênia Santos. *João Pessoa e Laranjeiras: duas ruas no imaginário cultural e patrimonial entre as décadas de 20 e 40 do século XX*. Disponível em: [http://www.uesb.br/anpuhba/anais\\_eletronicos/Ad%C3%A2nia%20Santos%20Andrade.pdf](http://www.uesb.br/anpuhba/anais_eletronicos/Ad%C3%A2nia%20Santos%20Andrade.pdf). Data de acesso: 01/09/2015.

Dividida da seguinte forma: a área planejada foi ocupada por pessoas que cumpriam seus pagamentos e honravam os compromissos em dias. Entretanto nos espaços fora do quadrado de Pirro, habitavam os pobres, negros e recém-libertos. Essas ruas não ofereciam boa qualidade de vida, possuindo um traçado caótico com ruas sem saídas, típicas de estruturas labirínticas. (ANDRADE, 2008, p.5)

A “área planejada”, ou o “quadrado de Pirro”, ao qual a autora faz referência, e que hoje compõe basicamente o centro histórico da cidade, diz respeito ao projeto inicial da cidade de Aracaju, do século XIX, em forma de “tabuleiro de xadrez”, com trinta e duas quadras de 100m x 100m, de autoria do engenheiro de Sebastião José Basílio Pirro:

De acordo com o Plano de Pirro, dentro de um quadrado de 540 braças ou (1188m) de lado estavam traçados quarteirões iguais de forma quadrada, com 55 braças ou (121 m) de lado, separados por ruas de 60 palmos ou (13,2m) de largura (...). (COELHO, 2012, p. 39)

Mesmo com a necessidade de expandir a cidade, podemos dizer que ao falarmos de Aracaju nos anos de 1940, estaremos a fazer uma referência ao centro histórico de hoje, pois, como afirmam Rafaelle Camila Pinheiro e Cristiane Alcântara de Jesus Santos, em *Evolução urbana, cultura e turismo no centro urbano de Aracaju - SE*<sup>16</sup>:

Mesmo com a expansão da cidade, o tabuleiro de xadrez configurou-se, até a década de 70, como um espaço urbano dotado de equipamentos e serviços que atendiam às necessidades básicas e de lazer dos indivíduos que ali residiam, visitavam ou trabalhavam, pois ainda concentrava grande parte dos teatros, cinemas, cafés, grandes lojas, eventos festivos, praças públicas e restaurantes da cidade. (PINHEIRO & SANTOS, 2012/2013, p.49)

Para o nosso “conhecer a Aracaju de Nelson de Rubina”, assim como em um passeio turístico, precisamos eleger um ponto de partida para “percorremos a cidade”. Para nós, iniciaremos a partir da Ponte do Imperador<sup>17</sup>. Era dela que partiam os barcos a vapor, nela as pessoas se concentravam para receber ou despedir-se de seus viajantes. Estes, ao embarcarem, vislumbravam, a partir dela, a cidade de Aracaju, na década de 1940, como afirma Luiz Antônio Pinto Cruz<sup>18</sup>, em *A guerra já chegou entre nós! O cotidiano de Aracaju durante a Guerra Submarina (1942-1945)*:

<sup>16</sup>PINHEIRO, Rafaelle Camila & SANTOS, Cristiane Alcântara de Jesus. *Evolução urbana, cultura e turismo no centro urbano de Aracaju- Se. Ponta de Lança*. São Cristóvão, v.6, n. 11 out. 2012- abr 2013.

<sup>17</sup>Para maiores informações, consultar Glossário ao final do trabalho.

<sup>18</sup>CRUZ, Luiz Antônio Pinto. *“A guerra já chegou entre nós”! O cotidiano de Aracaju durante a guerra submarina (1942 -1945)*. (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal da Bahia: Salvador, 2012.



Quem seguia a bordo nutria diferentes percepções da cidade. Do boroeste visualizava-se o Trapiche do Lima, a rua da Frente, os mercados, as lojas comerciais, a praça Fausto Cardoso, o Palácio Olímpio Campos, a Ponte do Imperador, as casas residenciais, a Capitania dos Portos (...). Do bombordo, viam-se os verdejantes coqueirais da Ilha, os manguezais e a Atalaia Nova. E da popa, Aracaju ia ficando para trás, esta última imagem mais parecia uma bela tela, com cores formosas e amenas, onde ainda era possível ver ao fundo o Morro do Urubu, a Igreja de Santo Antônio e o fumegar das chaminés das Fábricas, no bairro Industrial. (CRUZ, 2012, p.67)

Sobre a Ponte do Imperador, localizada na Praça Fausto Cardoso o visitante poderia avistar o leito do Rio Sergipe. Virando-se cerca 180°, o visitante veria ao longe, emoldurada pelas Palmeiras Imperiais, a estrutura da Catedral Metropolitana de Aracaju, localizada na Praça Olímpio Campos. Ainda na Fausto Cardoso, poderia ser visto a sede do governo, o Palácio Olímpio Campos e o prédio da Biblioteca Pública do Estado, localizada no número 248, onde hoje funciona o Arquivo Público do Estado de Sergipe.

Atravessando a Avenida Rio Branco, em um dia de calor, o visitante poderia se refrescar provando os sabores da *Sorveteria Primavera*, localizada entre a Fausto Cardoso e a Rua João Pessoa. Ao sair, se depararia com uma das ruas mais movimentadas do centro da capital: a João Pessoa.

O comércio era intenso nesta rua, o que permitia aos frequentadores encontrarem uma gama de serviços: casas de móveis, médicos (de diversas especialidades), bares, restaurantes, lojas de tecidos, livraria, cinema, lojas especializadas no vestuário, como escreveram Adênia Santos Andrade e José de Oliveira B. Filho<sup>19</sup>, em *O ir e vir das ruas João Pessoa e Laranjeiras (1920-1940)*:

A rua João Pessoa começava com o N°1 do Hotel Central, detendo-se a uma sequência numérica. Estes pontos comerciais serviam de local de encontro entre ricos fazendeiros e pessoas que possuíam um poder aquisitivo elevado para tratar de negócios ou consumir. Dentre as lojas, existiam os especialistas em produtos eletrônicos, secos e molhados; produtos importados, como tecidos finos, gravatas de sedas, peças chinesas, etc. (ANDRADE & FILHO, 2012, p.51)

Se o assunto fosse mobiliar a casa, bastaria acorrer à uma das lojas de móveis situadas na João Pessoa, como era o caso de *A Mobiliadora*, nº 20, ou a *Mobiliária Chic* de Chaperman & Ster, “a melhor e maior do Estado”<sup>20</sup>, fixada no nº 119.

<sup>19</sup>ANDRADE, Adênia Santos & FILHO, José de Oliveira B. *O ir e vir das ruas João Pessoa e Laranjeiras (1920-1940)*. São Cristóvão: Editora UFS, 2012.

<sup>20</sup>*Correio de Aracaju*. Aju. 10 jan. 1939, 2.

Para problemas de saúde, naquela rua, aliás no centro de Aracaju como um todo, havia médicos de diversas especialidades para tratar os males. Podemos ter uma ideia a partir da tabela<sup>21</sup> abaixo, que nos aponta o nome, a especialidade e o número do consultório.

Nome do Médico	Especialidade	Local do consultório
Dr. Maurício Cardoso	Doenças de senhoras	Rua João Pessoa, nº 48
Dr. Adel Silva Nunes	Crianças e adultos	Rua João Pessoa, nº 48
Dr. Edison Freire	Doenças de senhora e partos	Rua João Pessoa, nº 48 (1º andar)
Dr. Lauro B. Porto	Doenças dos olhos, nariz, garganta e ouvidos	Rua João Pessoa, nº 84
Dr. Oscar B. Nascimento	Urologia e sífilis	Rua João Pessoa, nº 181 (sobrado)
Dr. A. Vieira Dantas	Doenças de senhoras	Rua João Pessoa, nº 207 (sobrado)
Dr. Machado Sousa	Moléstias de crianças	Rua João Pessoa, nº 207
Dr. Fernando Sampaio	Medicina interna de adultos e crianças	Rua João Pessoa, nº 211
Dr. Heráclito Diniz Gonçalves	Pulmões, coração, aparelho digestivo, eletrocardiologia	Rua João Pessoa, nº 211
Dr. Mário M. Andrade	Cirurgião dentista Dentaduras anatômicas, Raios X, eletroterapia e cirurgia	Rua João Pessoa, nº 211
Dr. Stenio de M. Souza	Clínica médica de adultos	Rua João Pessoa, nº 211
Dr. L. Milet	Medicina geral de adultos e crianças, com especialidade em partos, doenças de senhoras (suspensões, atrasos, corrimentos, regras dolorosas, menopausas, esterilidade, hemorragias etc.). Impotência em moços, varizes, hemorroidas, distúrbios da gravidez e das vias urinárias. Consolidação de fraturas ósseas.	Rua João Pessoa, nº 256
Dr. Lourival Bomfim	Pulmões e aparelho digestivo	Rua João Pessoa, nº 256
Dr. Alencar Mota	Moléstias internas, sífilis e pele	Rua João Pessoa, nº 256
Dr. A. V. Machado	Clínica geral: sífilis, urologia, doenças internas	Rua João Pessoa, nº 274
Dr. J. Aloysio Andrade	Medicina interna de adultos: coração, vasos, aparelho digestivo	Rua João Pessoa, nº 299, Sala 3
Dr. Álvaro Paes	Clínica médica. Especialmente aparelhos digestivo, circulatório e doenças de nutrição	Rua João Pessoa, nº 299

<sup>21</sup>Tabela com base em dados recolhidos no Indicador do periódico Correio de Aracaju, entre os meses de janeiro e julho de 1939, julho de 1940, e março de 1943.

Dr. Valdir Barreto Andrade	Medicina interna de adultos; clínica médico-cirúrgica de senhoras	Rua João Pessoa, nº 334 Ed. Ford
Dr. Mário Bastos	Cirurgião dentista	Rua João Pessoa, nº 334 Sala 1. Ed. Ford
Dr. Pessoa Aguiar	Tratamento médico cirúrgico das doenças dos olhos, nariz, garganta e ouvidos	Rua João Pessoa, nº 334, Sala 4. Ed. Ford
Dr. Philomeno Hora	Cirurgião dentista	Rua João Pessoa, nº 334 Sala dos fundos. Ed. Ford
Dr. S. Vieira Sobral	Vias urinárias, doenças venéreas	Rua João Pessoa, nº não especificado
Dr. Luiz Cerqueira	Doenças internas e mentais	Ed. Do Banco do Comércio e Indústria de Sergipe
Dr. João Firpo Filho	Clínica médica geral e partos	Rua Laranjeiras, nº85
Dr. Garcia Moreno	Doenças internas, nervosas e mentais de adultos	Rua Laranjeiras – Ed. Santos
Dra. Consuelo C. Oliveira Freire	Cirurgiã dentista Clínica, cirurgia e prótese	Rua Itabaiana, nº 379
Dr. Neto Formosinho	Doenças de crianças	Rua Pacatuba nº 67 (consultório e residência)
Dr. Jayme de Argolo Mendes	Médico e cirurgião dentista - clínica médica de adultos- impaludismo, sífilis	Rua Pacatuba, nº 176
Dr. Moysés Zharsky	Via urinária e doenças anorretais (hemorroidas)	Av. Rio Branco, nº 98 1º andar
Dr. Paulo Lemes	Cirurgião dentista	Pç. Olímpio Campos, nº 619

Como vimos, havia uma variedade de consultórios espalhados também pela João Pessoa, porém o preço das consultas poderia atingir valores altíssimos, como era o caso do valor cobrado pelo *Dr. L. Milet*<sup>22</sup> de 20\$000. Havia ainda àqueles, como *Dr. Pessoa Aguiar* que por “vocação”, e que, possivelmente por isso, disponibilizavam horários para consultas gratuitas aos pobres, no caso dele todas as quintas-feiras das 9h às 10h.

Muitos acorriam à rua João Pessoa diariamente, não só para tratar-se de doenças, mas, muitas vezes, para apreciar a vida na boa companhia de amigos, em estabelecimentos como o *Bar Apollo*, onde hoje é a Esplanada, nº 82, ou no *Ponto Chic*, localizado no encontro entre as

<sup>22</sup>**Correio de Aracaju.** Aju. 01 jul. 1939, 3. Para termos uma ideia de quanto este valor representava na época em 07 de janeiro de 1939, o Cine Guarany exibia o filme *Os 3 Mosqueteiros*, a poltronas custavam 3\$300 e a meia entrada 1\$700. Como vimos, o país vivia em crise, e nem todos tinham dinheiro para tal lazer. Agora pensemos, a consulta com o Dr. L. Milet equivaleria a cerca de seis sessões no Cine Guarany no conforto das poltronas, ou a cerca de onze sessões pagando a meia entrada. **Correio de Aracaju.** Aju. 07 jan. 1939, 4.

ruas João Pessoa e Laranjeiras. Sobre o Ponto Chic Andreza Santos Cruz Maynard e Dilton Cândido Maynard<sup>23</sup> escreveram:

O Ponto Chic oferecia bebidas, refrescos, charutos, sorvetes etc. Era local comum à elite da cidade. Afirmava a propaganda: “frequentar o Ponto Chic é demonstrar bom gosto e passar momentos de satisfação”. Locais como o Ponto Chic, o Café das Sete e o Central agregavam “homens de negócios, cavadores de emprego, os profissionais mais distintos”. Configuravam-se como espaços públicos onde aspectos da vida cidadã vinham à tona. Ir até eles era também espreitar a vida alheia. Nos cafés, borbulhavam os segredos dos homens de Estado. Daí a advertência sobre a necessidade do governo tornar públicos os seus atos. A medida evitaria “que algum demissionário andasse pelos cafés”, entre outros lugares, “informando de seus passos dentro do Governo”. (MAYNARD & MAYNARD, 2009, p. 141)

Após um drink ou uma xícara de café, talvez vindo dali de pertinho, da *Torrefação Novo Mundo*, localizada no nº 484, poderiam visitar a *Livraria Regina*, nº 137, local de encontro de escritores e da boemia sergipana. Sobre ela escreveu Elissandra Silva Santos, em *Breves notas sobre a história do livro em Sergipe: tipografias, gráficas, livreiros, livrarias e editoras na Aracaju do século XX (1900-1970)*<sup>24</sup>:

Tal livraria dominou o mercado livreiro ao longo de cerca de quarenta anos, figurando entre os anos de 1940 e 1970 como a mais moderna gráfica do Estado e também a mais atualizada e frequentada livraria, marcando o imaginário daqueles que a conheceram de tal maneira que ainda é lembrada com saudosismo quando o assunto é livro e livraria. (SANTOS, 2009, p.3)

Além de livros, naquela rua as pessoas também poderiam adquirir seu discos favoritos na *Casa Nunes*, nº 156 e nº 561, que em seus anúncios no Correio de Aracaju prometia “*sortimento de discos*”.

Na João Pessoa havia ainda as lojas mais atrativas ao público feminino, especializadas no vestuário<sup>25</sup>, com suas vitrines arrumadas atraíam os olhares dos transeuntes que por ali passavam. Eram lojas que atendiam o gosto do público, feminino e masculino, como *A Casa das Sedas*, nº 100, a *Casa Colombo* de Elias Roliman, localizada no nº 199, *Casa e Alfaiataria Dois Irmãos*, nº 45, *Casa Vivinha*, no nº 156, com sua variedade de perfumes,

<sup>23</sup>MAYNARD, Andreza Santos Cruz & MAYNARD, Dilton Cândido Santos. **Dias de luta: traços do cotidiano de Aracaju (1939-1945)**. OPSIS, Catalão, v. 9, n. 12, jan-jun 2009.

<sup>24</sup>SANTOS, Elissandra Silva. **Breves notas sobre a história do livro em Sergipe: tipografias, gráficas, livreiros, livrarias e editoras na Aracaju do século XX (1900-1970)**. II Seminário Brasileiro Livro e História Editorial. Universidade Federal Fluminense, 2009.

<sup>25</sup>Ainda sobre o vestuário feminino, era comum encontrar nos anúncios de jornais algumas mulheres oferecendo aulas de corte e costura, como por exemplo *Elieth Menezes Garcia*, localizada na rua Itaporanga, nº49. **Correio de Aracaju**. Aju. 11 jan.1939, 1.

vestidos, bolsas e calçados, ou até mesmo o *Armarinho Santana*, que vendia linhas para as costureiras e os alfaiates, localizado no nº 213.

Além de tudo já mencionado, na Rua João Pessoa havia representantes de marcas ‘famosas’, como *Vivaldo Freitas*, representante da *Bicicleta Bianohi*, localizada no nº 277, ou a *Casa Rochedo*, de Austeclino Rocha, que comercializava “*telephone, motores, dynamos e bombas elétricas*”<sup>26</sup>, localizada no nº 257, ou *Vieira, Garcez & Cia*, nº 340, representante de telhas de zinco, além do *Armazém de José Menezes Prudente & Cia*, no nº 455, e a *Farmácia Industrial* no nº 225.

Certamente o passeio pela João Pessoa não estaria completo sem antes passar pelo *Cine Teatro Rio Branco*<sup>27</sup>, localizado no nº 182. Foi considerada a casa de espetáculo mais importante de Aracaju, tendo projetado em sua tela os clássicos do cinema americano, e os “frutos” da fábrica de ideologias norte-americana na Segunda Guerra Mundial. Além disso sempre manteve as portas abertas para os artistas locais, a exemplo do show do *cast* da Rádio Difusora de Sergipe, “Pinduca e sua Rádio Orquestra”, “Regional de Carnera”, “Vocalistas Tropicais”, “Zé Dendê”, João Mello, João Lopes, Manoel Aragão, “Dão”, “Bissextino” e Santos Mendonça.

O *Cine Rio Branco* não era o único cinema<sup>28</sup> em Aracaju. Havia também o *Cine Guarany*, o *Cine Rex*, o *Cine São Francisco*. Na verdade, como escreveu Eduardo Lopes Teles, em *O ofício de barbeiro: memória, tradições e modernidade*<sup>29</sup>:

Nos anos de 1940 e 1950 o cinema representava para alguns setores o progresso, mas não necessariamente a qualidade ou quantidade de filmes produzidos, e sim a quantidade de salas exibidoras. O cinema era considerado janela para do mundo, as telas passavam a sensação de modernidade. (TELES, 2012, p.31)

<sup>26</sup> **Correio de Aracaju**. Aju. 09 jan. 1939, 2.

<sup>27</sup> Localizado na rua João Pessoa, foi inaugurado pelo italiano Nicolau Pungitori em 1904 com o nome de “Teatro Carlos Gomes”, sendo anos mais tarde vendido a um empresário, conhecido por “Zé Bolacha”, que tinha Juca Barreto por sócio, passando a chamar-se Cine e Teatro Rio Branco. Ver: MELINS, Murilo. **Aracaju romântica que vi e vivi: anos 40 e 50**. Aracaju: UNIT, 2010.

<sup>28</sup> O cinema em Aracaju se transformou em um difusor do *American way of life*, nos anos de Segunda Guerra Mundial, além de uma forma a mais utilizada pelo governo de para persuadir os aracajuanos a apoiarem as medidas tomadas pelo governo, e impedir possíveis resistências ao regime ditatorial de Vargas. Durante o conflito mundial, o cinema era uma forma a mais de sintonizar a população com o que ocorria no Brasil e no resto do mundo, sempre adaptados ao contexto sergipano. Maiores informações sobre os cinemas existentes de Aracaju no Glossário ao final do trabalho.

<sup>29</sup> TELES, Eduardo Lopes. **O ofício de barbeiro: memória, tradições e modernidade**. (Dissertação de mestrado em Antropologia) São Cristóvão: UFS, 2012.

Se o visitante de Aracaju pensasse em permanecer na cidade por mais algum tempo, poderia se hospedar no *Hotel Marozzi*, localizado no nº 320 da João Pessoa, entre a Praça General Valadão (próximo a Alfândega) e a Rua São Cristóvão:

Quando cerrou suas portas, em 1965, o Hotel Marozzi já não era o melhor, o mais elegante e bem freqüentado hotel de Aracaju. Já havia o Hotel Palace, imponente obra da engenharia moderna, no centro da Praça General Valadão, construído pelo governo de Luiz Garcia, em 1962, para fomentar o turismo. O Hotel Marozzi, com seus 35 quartos, e com mais de três décadas de funcionamento elegante, era uma saudade viva, encarnada na figura do seu proprietário Augusto Marozzi, um italiano de Bolonha, nascido provavelmente em 1888, filho de Eduardo Marozzi e Anunciata Calovi. (FALCÃO, 2007, p. 40)

Caso nosso visitante estivesse cansado da andança pela Rua João Pessoa, debaixo de um Sol ‘escaldante’, poderia apreciar um outro sorvete, desta vez na *Sorveteria Confiança*, localizada entre as ruas João Pessoa e São Cristóvão. Esta rua também tinha lojas de comércio, como *J. Batista & CIA*, “distribuidor exclusivo em Sergipe” da *Motocleta DRW*<sup>30</sup>; a *Casa Bancaria Prado, Vasconcellos Junior & CIA*, no nº 26 A Elétrica – material elétrico em geral, no nº 149; a *Casa Renner – a casa dos bons artigos*- especializada em meia confecção<sup>31</sup>, e localizada na esquina da João Pessoa com a São Cristóvão; a *Fontes Irmãos*, no nº 39, e a *Vieira Sampaio & Cia* – depósito do *Farello de Mandioca PERIPERI – ração para gado*<sup>32</sup>, localizado entre os números 48-50. Mesmo com tanta variedade no comércio, a rua São Cristóvão não possuía o “ritmo frenético” da João Pessoa ou Laranjeiras.

Continuando nosso passeio pelo centro de Aracaju na década de 1940, no encontro entre as ruas João Pessoa e Laranjeiras, poderia se avistar a *Igreja São Salvador*, um dos primeiros templos católicos de Aracaju, era a matriz da capital até a inauguração da Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição.

Sobre o comércio da Rua Laranjeiras, Mario Cabral, em *Roteiro de Aracaju*<sup>33</sup>, escreveu:

Ali existe o comércio grã-fino, ali fazem suas compras os burgueses e os novos ricos. Tudo é mais é mais caro. A classe média e o proletário fogem, respectivamente para o comércio da Rua Laranjeiras e da vizinhança do Mercado Modelo. ” (CABRAL, 2002, p. 202)

<sup>30</sup>Correio de Aracaju. Aju. 10 jan. 1939, 5 .

<sup>31</sup>Folha da Manhã. Aju. 31 jan. 1942, 2.

<sup>32</sup>Correio de Aracaju. Aju. 31 jan. 1941, 2.

<sup>33</sup>CABRAL, Mário. *Roteiro de Aracaju*. Aracaju: Banese, 3ed., 2002.

Havia nesta rua, como na João Pessoa, consultórios médicos, como o de *Dr. Garcia Moreno*, no Ed. Santos, e *Dr. Firpo Filho*, no nº 85. A depender do medicamento receitado, poderia ser adquirido ali mesmo, no *Depositário Geral/Laboratório*, ou até na *Pharmácia Universal*, de Hormindo Menezes, no nº 93, situados na Laranjeiras. Para caso de óbitos, esta rua também possuía um atendimento especializado na *Funerária São Francisco*, no nº 322, de propriedade de Antônio Café.

Não era só de assuntos relacionados à saúde que pessoas acorriam diariamente à rua Laranjeiras. Também nela poderia se encontrar desde casas como a de *J. Domingues Fontes*—*único distribuidor em Sergipe dos famosos produtos Condorioil para a construção, civis, construções navais, maquinários, móveis e etc.*<sup>34</sup>— localizada no nº 64; passando por lojas especializadas em móveis, como a *Mobiliária Elegante* de Sonia Koifman, nº203; casas especializadas no vestuário, como por exemplo a *Archimedes C. de Mendonça* —*fábrica de camisas, ceroulas, pyjamas e roupinhas*<sup>35</sup>— localizada no nº 75 da rua Laranjeiras, e também no nº 253 da rua Itabaianinha; casas especializadas em perfumaria, como a *Casa das Essencias*, propriedade de Antônio Café, no nº 65; o *Laboratório PHOS-KOLA*; até a Relojoaria do senhor Sindulfo Barreto, ou a Relojoaria Gonçalves, nos nº 293 e 297.

Na década de 40, segundo Murilo Melins ‘talvez a casa comercial mais comentada devido a sua excentricidade, era a relojoaria do senhor Sindulfo Barreto’, localizada no nº 158, onde hoje é a Fontes Relojoaria, lá se vendiam os relógios das melhores marcas e joias requintadas. (ANDRADE & FILHO, 201, p. 54)

Na esquina entre a rua Laranjeiras e a Av. Rio Branco, no nº 75, estava localizada mais uma casa, no centro da cidade, responsável pelo controle financeiro, a *Casa Bancaria Dantas, Freire & CIA Ltda.* E se nosso visitante tivesse ainda disposição, poderia percorrer um pouco esta avenida, onde se depararia com a sede do jornal *Correio de Aracaju*, no nº 34; escritórios vários, como o do engenheiro José Rollemberg Leite, no nº 70, ou o Escritório de Advocacia Bacharéis Luiz Garcia e Carlos Garcia. Na verdade, apesar de estarmos falando de uma cidade pequena, Aracaju possuía um número considerável de escritórios de Advocacia, a exemplos os escritórios:

- Advogados Ademar Brito e José Calasans – localizado na Rua Maruim, nº599;
- Advogado José Soares Brito – localizado na Rua Laranjeiras, nº 326;

<sup>34</sup>*Correio de Aracaju*. Aju. 10 jan. 1939, 2.

<sup>35</sup>*Correio de Aracaju*. Aju. 11 jan. 1939, 1.

- Advogado Osman Hora Fontes – localizado na Rua Pacatuba, nº 327;
- Advogado Carlos Garcia – localizado na Av. Rio Branco, nº 34;
- Bel. Juarez de Figueiredo – localizado na Rua Maruim, nº 579;
- Bel. Niceu Dantas – localizado na Rua João Pessoa, nº 256 (sobrado)

A diversidade de serviços também marcava o comércio pela Avenida Rio Branco. Podemos citar a *A. Franco, Leite & CIA*, revendedora dos tratores *Caterpillar*, localizada no nº 154; *Antônio Curvélo*, representante dos “*insuperáveis Telefunken: os rádios que se adquirem em toda parte*”<sup>36</sup>; *Dantas & Krauss*, revendedor de caldeiras, localizada no nº 318; *A. Fonseca & Cia*, representante da *Machinhas inglesas Jones – funcionamento irrepreensível*<sup>37</sup> - localizada nos números 54/80; a *Porto Sobrinho & CIA*, no nº 146, na qual poderia se encontrar “de tudo um pouco”. Aliás este tipo de loja especializada em “não possuir uma especialidade” era um tanto frequente em Aracaju. Como exemplo podemos citar também *Casa Serigy – a casa que vende tudo*<sup>38</sup> – com sua matriz localizada na Rua Arauá, nº 246.

Até agora, nossa visita pela Aracaju de Nelson de Rubina se concentrou nas ruas centrais da cidade. Mas o visitante atento do início da década de 1940 veria que para além das ruas citadas, existiam áreas periféricas destinadas à diversas atividades, como por exemplo nas proximidades do Mercado Modelo Antônio Franco que, em virtude do crescimento do centro e da difusão da economia, abrigava um comércio popular, se comparado ao das ruas João Pessoa ou Laranjeiras. Para além deste comércio popular, abordaremos um pouco sobre uma outra prática “comercial” muito ativa nas regiões à margem do centro da cidade: a prostituição.

As mulheres de “vida fácil”, as prostitutas, no discurso modernizador/eugenista da década de 1940, eram vistas como desvirtuadoras da moralidade, causa do desestruturamento familiar, além de serem consideradas responsáveis pela disseminação da sífilis e de outras doenças venéreas, e, portanto, agentes de degradação da raça. Mesmo com tantos atributos negativos, o “comércio dos corpos” encontrava freguesia diversificada em Aracaju. Eram “os operários, jornalistas, intelectuais, jogadores profissionais, políticos, notívagos entre outros. Não há prostituição sem cliente”. (MAYNARD, 2013, p.85)

<sup>36</sup>Correio de Aracaju. Aju. 04 jan. 1939,7.

<sup>37</sup>Correio de Aracaju. Aju. 31 jul. 1940, 2.

<sup>38</sup>Correio de Aracaju. Aju. 10 jan. 1939,1.



Essa atração de clientes de diversas classes sociais, em parte, se explicava pelo local de concentração das casas de meretrício, os cabarés, estarem situados em áreas centrais e comerciais da cidade. Na verdade, muitos eram os pontos de exercício do meretrício, dentre eles a rua Lagarto, Laranjeiras, Otoniel Dórea, atual Carlos Firpo, avenida Pedro Calasans, e a região dos mercados, em especial o Beco dos Cocos, oficialmente denominado Travessa Silva Ribeiro (SANTOS,2011). Aqui abordaremos um pouco sobre as afamadas áreas denominadas *Beco dos Cocos*, *Vaticano* e *Curral*.

O Beco dos Cocos<sup>39</sup> corresponde a área formada pela proximidade de dois quarteirões que fazem fronteira com o prédio da Alfândega, entre a Praça General Valadão e os Mercados Centrais Antônio Franco e Thales Ferraz, era o maior reduto boêmio da capital sergipana em meados dos anos de 1940, e uma das principais zonas de prostituição, concentrando uma quantidade significativa de cabarés, boates e cafés, como relata Melins:

No Beco dos Cocos, além do Cassino Bela Vista e do Dancing Xangai estava a Pensão de Marieta, a mais elegante e seleta, frequentada por banqueiros, comerciantes, industriais e rapazes da elite, ali encontravam-se as mais caras e bonitas damas da noite. Mulheres da vida, mas que devido a descrição (...) dos seus trajes e da maquiagem, frequentavam normalmente o comércio das Ruas João Pessoa e Laranjeiras, iam à matinês do Rio Branco, Rex e Vitória, confundindo-se com as madames e senhoritas. Lembramos algumas, que por lá passaram. Linda. A mais bela de todas, Princesinha, Verdinha, Fuenga, Tufi bela morena, bem educada e antiga professora, Helena Jabá, Arlete, Maura e a famosa Gilda, que possuía o maior número de vestidos, sapatos e joias. (MELINS, 2007, p.365)

Além do *Dancing Xangai* e do *Cassino Bela Vista*, havia no Beco dos Cocos o *Miramar*, o *Nigth and Day*, o *Luz Vermelha* e o *Fresca*. Quanto a clientela, como podemos perceber pelo relato acima, o público frequentador daquele reduto não se limitava apenas a trabalhadores braçais e estivadores que circulavam pelos arredores do Beco, também havia comerciantes, banqueiros e membros da elite sergipana.

Além disso, nos anos de 1940 a região passou a reunir artistas, intelectuais e pessoas dos mais variados segmentos sociais em busca de divertimento, para encontrar os amigos e não somente para se relacionar com as mulheres, era um dos poucos lugares em Aracaju, nos rígidos anos de conflito mundial, que serviam para os homens com “salários menores que o mês” se distraírem.

---

<sup>39</sup>Denominação oriunda do transporte de cocos para o abastecimento do comércio no centro aracajuano. Ver PASSOS, Elayne Messias. **Intervenções urbanas e ressignificações no centro de Aracaju: um estudo do Beco dos Cocos**. (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal de Sergipe: São Cristóvão,2013.

Ocupando uma porção considerável do Beco dos Cocos, da rua Santa Rosa à Avenida Otoniel Dórea, se encontrava o *Vaticano*, edifício de dois pavimentos com dezenas de quartos e pequenos apartamentos, que ocupava um quarteirão. Idealizado por José da Silva Ribeiro, foi construído com a finalidade de abrigar um prédio comercial. Em seu interior havia uma praça, e no térreo, onde funcionava casas comerciais, existia armazém de secos e molhados e casas de ferragens. Já no pavimento superior, de dia, e principalmente à noite, funcionavam diversos cabarés, se tornando também um espaço de moradia para muitas pessoas, inclusive para mulheres que se prostituíam nas proximidades.

Em uma simples comparação: se no Beco dos Cocos, na Pensão de Marieta, por exemplo, as “mais belas damas da noite” poderiam ser encontradas, era na área denominada por “Curral” que as mulheres mais “maltratadas pela vida de prostituição” poderiam ser encontradas, era o último degrau da prostituição.

Localizado na Zona do Bomfim, área esta que compreendia a rua do Bomfim (atual 7 de setembro), rua Vitória (atual Carlos Burlamaque), rua Divina Pastora, rua Siriri e a baixa da avenida Pedro Calasans, até próximo ao elevado da rua São Cristóvão, o Curral se localizada “nos fundos” da cidade, zona Leste, nas proximidades com o centro (baixa da Pedro Calasans e a rua Divina Pastora), ainda na zona do Bomfim.

Apesar de combatidas pelo projeto modernizador e higienista do Estado Novo, as áreas de prostituição acabaram se transformando em um dos poucos espaços de lazer, que continham em si formas de inserção em uma atmosfera menos autoritária para a sociedade de baixa renda.

E assim nosso breve passeio pela Aracaju do final dos anos de 1930 e do início de 1940 chega ao fim. De maneira bem sucinta, conhecemos os pontos turísticos, a parte oficial da cidade, e a parte não-oficial, que se buscava controlar na época. Uma cidade de pequenas proporções geográficas, mas de práticas comerciais consideráveis, que possuía como rotina de sua população o trabalho, quer fosse nos moldes promovidos pelo governo, quer nos moldes combatidos, como era o caso da prostituição. Uma cidade com uma população tida por pacata, correta e solidária, que fazia questão de exaltar o cumprimento de seus deveres, e que não esperava nada de muito extraordinários de seus dias comuns. Que mesmo com o mundo sofrendo com seu pior conflito bélico já registrado na História, a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a cidade até então só sentira seus impactos de forma indireta, pela economia (aumento do preço dos gêneros alimentícios e do combustível, por exemplo).

Quem imaginaria que nessa aparente apatia, um episódio, mais precisamente seus desdobramentos, abalariam o cotidiano da pacata população aracajuana? É o que veremos no mais adiante.

## ÁLBUM FOTOGRÁFICO DO INÍCIO DA DÉCADA DE 1940

Veremos agora alguns recortes de jornais<sup>40</sup> do início da década de 1940 que nos fornecem uma ideia da maneira como era veiculado os anúncios das lojas do centro de Aracaju, bem como dos serviços ali prestados.

### FOLHA DE ARACAJU – 1940

#### OGEO DE LIMA

Para fixar, amaciar e dar brilho aos cabelos.  
Vidro 4\$000 (Preço de reclame).

Exclusividade da Casa Gomes Café, rua Laranjeiras, 65.

#### VAI CASAR?

Prepare o seu Colchão e Travesseiros com a adorável LA DE CORTIÇA e terá lua de mel eterna...

Agradável — Econômico — Barato  
Vende : Rua Laranjeiras, 65  
Antonio Gomes Café

Louças, Crystals, Talheres, Tapetes, Baterias de alumínio, Metais, Relógios, e tudo o que se faz necessário numa casa v. a. encontrará na

#### Casa Crystal

a casa que serve cada vez melhor

#### TEIMOSA

O REI DOS APERITIVOS

DISTRIBUIDOR

O Armazem "Petit"

Rua João Pessoa 34-38

ARACAJU

Fabricantes :

Feitosa, Horta & Cia.

#### Lustres

— E —

#### Globos

O mais lindo sortimento para 1941

Receberam :

P. Franco & Cia.

Rua João Pessoa, 61 - ARACAJU

<sup>40</sup> Os periódicos utilizados para este levantamento foram *Correio de Aracaju* e *Folha da Manhã* que circulavam na cidade de Aracaju no início da década de 1940.

## CORREIO DE ARACAJU – 1940

**Liquidação final**

Tudo abaixo do custo está vendendo a LOJA  
**“APOLONIO DE LIMA SANTOS”** 4 rua  
 — Laranjeiras n. 53 —

Aproveitem que o seu proprietário precisa  
 deixar o comercio dentro de 15 dias

Exposição permanente de móveis  
 fabricados e importados

Dormitórios, salas de visitas,  
 sala de jantar e artigos  
 para escritórios

**Mobiliária Ohio**

— DE —  
**Chapman & Stern**

FABRICA DE MOVEIS  
 A maior  
 e melhor do Estado  
 Seção de estudo e  
 Seção de acolhimento  
 Rua João Pessoa, 19-29  
 Telef. 1-9-6  
 Aracaju — Sergipe

**Casa Colombo**  
 — DE —  
**Elias Roitman**

Fabrica de móveis em geral, movida a electricidade  
 ESPECIALIDADE  
 Instalações de escritórios comerciais  
 Rua João Pessoa 199 — Telef. 400 — Aracaju — Sergipe

**Consuelo C. de Oliveira Freire**  
 Cirurgiã Dentista

Clinica, Cirurgia e Protese  
 Tratamento — RAPIDO.

**GARANTIDO E INDOLOR  
 HORARIOS**  
 Das 8 horas às 11 e 1/2  
 Das 2 horas às 5 e 1/2 da tarde  
 Rua de Itabaiana n. 379

**Dr. Jayme de Argollo Mendes**  
 Medico e Cirurgião-Dentista

CLINICA MEDICA DE ADULTOS — IMPALUDISMO, SYPHILIS.

Consultorio e residencia á  
 Rua de Pacatuba, n. 176  
 Clinica exclusivamente de consultorio

— ARACAJU —

**Machinas Inglesas**  
**“ JONES ”**  
 — Com pé e sem pé —



utimos preços !  
 Linda aparência !  
 Solida construção !  
 Acabamento perfeito !  
 Funcionamento irreprehensivel

Para se convencer, só procurando  
**A. FONSECA & CIA.**  
 AV. RIO BRANCO, 54/80 — ARACAJU

**Mobiliária Elegante**  
 — DE —  
**Sonia Koifman**

**Especialista em móveis  
 em geral**

Colchões Patentes e grupos de  
 pano, couro e veludo

Vendas a dinheiro e a prazo  
 Preços ao alcance de todos

E' a «Mobiliária Elegante» a unica casa que  
 fabrica o colchão Patente

RUA DE LARANJEIRAS 203

**Dr. Alencar Mota**

Especialidades : Moles-  
 tias internas, sífilis  
 e pele

CONSULTORIO :  
 Rua João Pessoa, 256  
 RESIDENCIA :  
 Rua de Itabaiana, 556  
 Telefone — 181  
 Aracaju — Sergipe

**CARLOS GARCIA**  
 ADVOGADO

ESCRITORIO — Redação  
 do «Correio de Aracaju»  
 Telef. — 194

**Dr. Edson Freire**  
 Das 14 horas em diante

**CLINICA MEDICA**

Vias Urinarias  
 — Partos —  
 Doenças das Senhoras

Consº.: João Pessoa, 48  
 Resª. Av. Ivo Prado, 210  
 Tels. — 335 — 221

ARACAJU — SERGIPE



**Dr. S. Vieira Sobral**  
CLINICA MEDICA

Especialidade : Vias urina-  
rias, doenças veneras.

Endoscopia. Diatermia  
Raios infra vermelhos.

Das 16 às 18 horas  
João Pessoa.

**Dr. Machado de  
Sousa**

**MOLESTIAS DAS  
CRIANÇAS**

Raios Ultra - violetas

Diariamente — Das 3 às 5  
Consultorio :  
Rua João Pessoa, 207-Sob.

Residencia :  
Rua Itabaiana, 954  
Fone. 494

**Dr. Moysés Zbarsky**  
MEDICO

Via Urinárias e Doenças  
ano-retais.  
**HEMORRHOIDAS**

Consultas diariamente de 14  
horas em diante.

Consultorio :  
Av. Rio Branco, 98. 1º Andar  
Residencia : Rua Araua, 197  
Tel. 176 — Aracaju

**Cirurgião Dentista**  
**Mario Bastos**

Gabinete Dentário na  
Rua João Pessoa n.  
334—Edifício da Ford—  
Sobrado — Sala 1

**Dr. Garcia Moreno**

**Doenças Internas, ner-  
vosas e mentais de  
adultos**

Consultorio R. Laran-  
jeiras — Ed. Santos.  
Residencia : Av. João  
Ribeiro, 1.491.  
Horario : de 1 às 4  
da tarde.

**SOCIEDADE ANONIMA "CICLOPE"**  
— SÃO PAULO —

Caldeiras à vapor  
Economisadores e Superaquecedores.  
Autoclaves e Aparelhos  
Autoclaves para industria Textil  
Autoclaves para laboratorios  
Aparelhos para filtragem de agua  
Estufas  
Radiadores  
Aquecedores

AGENTES PARA O ESTADO DE SERGIPE:  
**Dantas & Krauss**  
av. Bardo do Rio Branco, n. 318 — ARACAJU  
(6—10)

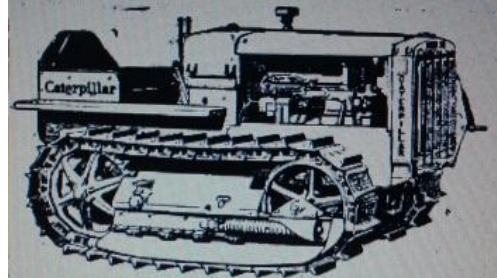
**Dr. Lauro B. Porto**  
Especialista em doen-  
ças dos olhos, nariz,  
garganta e ouvidos

CONSULTORIO :  
RUA JOAO PESSOA, 84  
ARACAJU — SERGIPE

**Advogado**

MELCHISEDECK  
—F. MONTE—  
Escritorio: rua do  
Ouvidor, 58 — 1o an-  
dar—RIO de Janeiro.

**Os Tractores "CATER-  
PILLAR" modernisa-  
ram o Agricultura**



Os mais afamados agricultores do mundo são acor-  
des em proclamar que os TRACTORES «CATERPILLAR»  
têm provocado uma verdadeira revolução na tecnica  
agricola. O uso adequado destes incomparaveis tractores  
fertilisa as terras e barateia as limpas. Os usineiros de  
Sergipe que possuem Tractores Caterpillar, tiveram as  
suas safras consideravelmente aumentadas com reduzido  
custo de produção. O «Tractor Caterpillar» resolve o  
problema da falta de braços pela diminuição do numero  
de limpas. Os agentes «CATERPILLAR» são os únicos  
que possuem oficina mecanica montada em Aracaju,  
dispondo de grande stock de peças.

Procure hoje mesmo maiores e melhores informa-  
ções com os agentes para o Estado de Sergipe :

**Garcez, Leite & Cia.**

sucessores de  
**A. Franco, Leite & Cia.**

Av. Rio Branco, 154 — ARACAJU — SERGIPE

**Grippe, Tosse e Rouquidão**  
curam-se com o **XAROPE CREOSOTADO**  
DE  
**HELVECIO MAIA**  
Vende-se em todas as Pharmacias  
Deposito geral—Laboratorio PHOS KOLA  
Rua de Laranjeiras — — ARACAJU—SERGIPE



## CORREIO DE ARACAJU – 1941

**Atenção:** Cuidado com as imitações. O COLCHÃO «PATENTE» só na Mobiliária Elegante. Quando comprar seu colchão, exija com esta etiqueta da MOBILIARIA ELEGANTE.



**MOBILIARIA ELEGANTE** — **Rua Laranjeiras, 203 — Aracaju**

**Dr. Luiz Cerqueira**  
Doenças internas, nervosas e mentais.

Consultorio: edificio do Banco Comercio e Industria de Sergipe

Horario: das 3 às 5 da tarde

Qual o «crack» absoluto sergipano?

Nome \_\_\_\_\_

Clube em que joga \_\_\_\_\_

Votante \_\_\_\_\_

Um conselho às donas de casa:  
FAÇAM ECONOMIA, comprando generos alimentícios no armazem de

**José Menezes Prudente & Cia.**  
RUA JOÃO PESSOA, 455

**FABRICA DE OLEO E QUEQUE**  
«COTINGUIBA»

**Av. Coelho e Campos, 215**

PROPRIETARIOS

**Vieira, Garcez & Cia.**

Rua João Pessoa, 540 - C. Postal, 105 - Tel. Gavira  
— ARACAJU —

Queque, a melhor ração para o gado

**J. Carlos Borges**  
Engenheiro Civil

Projetos, Calculos, Especificações, Orçamentos.

Rua Maroim, 193 - Tel-237

**CARLOS GARCIA**  
ADVOGADO

Escritorio — Red. do «Correio de Aracaju»

**Farelo de Mandioca**  
«PERIPERI»

Excepcional ração para gado

Saccos de 50 kilos — 10\$000

Depositarios **VIEIRA, SAMPAIO & CIA.**

Rua de São Cristovam, 48-50

ARACAJU — SERGIPE

**BARROS**  
MESTRE DA TESOURA

O ALFAIATE PARA TODAS AS CLASSES

Rua Laranjeiras, 323  
(entre Itabaianinha e S. Amaro)

**Escola «Sergipana» de Corte e Costura**

Rua Araújo, n. 84 - 1 trecho

Preparar o futuro para as eventualidades da vida, é ser providente

Mme. Glorinha Nunes, Diretora da Escola «Sergipana» de Corte e Costura, scientifica as senhoras e senhoritas desta cidade, que já reabriu a sua Escola, é o metodo adotado, e o mais rico em conhecimentos, e o mais pratico possível: METODO TOUTE-MODE, cuja sede é no Rio de Janeiro.

**ESCOLA «SERGIPANA» DE CORTE E COSTURA**  
Rua Araújo, n. 84 - 1 Trecho

**Colégio Senhora Sant'Ana**

O mais antigo do Estado  
Sob a direção da

**Profª Quintina Diniz**

Internato e externato para meninas.

Abertura das aulas a 1º de Março.

Prédio próprio: Rua de Maroim, 224.

**Colegio «N. S. da Glória»**

INTERNATO PARA MENINAS e Externato para meninos e meninas

Sob a direção da professora **CECILIA MAIA**

Reabertura dos cursos em 1º de Março—RUA DE MAROIM, 369

ARACAJU — SERGIPE



## FOLHA DA MANHÃ - 1942

**Casa Pratt**  
 Agentes distribuidores em Sergipe  
**Fontes Irmãos & Cia.**  
 Com oficina montada para  
 limpeza e concertos de maqui-  
 nas, a cargo do profissional  
 Ezequiel Neves  
 Rua de São Cristóvão, 39  
 Telef. 1-19 End. Teleg. "Fontirmão"  
 Caixa Postal, 15—Aracaju

**MOVEIS L A M A S**  
 (Interessam aos economicos)  
 Grupos — salas de Jantar — Dormitorios  
 — Peças para escritorios e avulsas  
 Catalogos e Orçamentos, sem com-  
 promisso, com os exclusivos agentes  
**Irmãos Britto — Aracaju**

**JOSE' SOARES DE BRITO**  
 Advogado  
 Escritorio: Redação da "FOLHA DA MANHÃ"  
 Rua de Laranjeiras, 362  
 RESIDENCIA: Rua de Capela, 3,

**Dr. Heracito Diniz Gonçalves**  
 CLINICA MEDICA  
 Pulmões, Coração, 'pare-  
 lho Digestivo - Electrocar-  
 diografia  
 Ex-assistente do Instituto de Fisiologia  
 Clemente Ferreira e do Serviço de  
 Cardiologia do Hospital Muni-  
 cipal de SÃO PAULO  
 CONSULTORIO: Rua João Pessoa,  
 n.º 211 - RESIDENCIA: Rua de  
 Itabalana, n.º 62  
 A R A C A J U

**A ELETRICA**  
 — DE —  
**Antonio Silveira & Cia.**  
 Material electrico em geral —  
 Instalações — Completo sort-  
 imento de Lustres, Abajoures,  
 Globos, Plafondiers, Castiçais,  
 Refletores, Lampadas Elétri-  
 cas, Fogareiros eléctricos, Fer-  
 ro de engomar, Máquinas para  
 café electricas e a alcool, Lâm-  
 padas para vitrinas, Voltíme-  
 tros, Amperímetros Ventil-  
 dores.  
 Bicycletas para homens e cri-  
 anças — Máquinas de Escre-  
 ver.  
 Unicos distribuidores dos afa-  
 mados Rádios ANDREA  
 Baterias ALTAS, para au-  
 tomoveis e rádios  
 Rua São Cristóvão, 149  
 A R A C A J U — S E R G I P E

**ROUPA "RENNER"**  
 (Meia Confecção)  
 Com uma unica prova, V. S. receberá  
 uma elegante Roupá, no curto espaço  
 de cinco horas.  
 Verifique as vantagens do "CREDITO IB"  
 e compre sua Roupá, pagando apenas  
 20\$000 por mês, na  
**"Casa R E N N E R"**  
 A CASA DOS BONS ARTIGOS

**COMPREM**  
 NA  
**FARMACIA GUARANY**  
 DE  
**Augusto Luz & Cia.**  
 Responsabilidade do  
 Pharm. Durval Ma-  
 dureira Freire  
**RUA DA ESTANCIA, 1072**  
 Caixa postal 6 - Telefone 471  
 A R A C A J U - S E R G I P E

— CIRURGIAO DENTISTA —  
**Paulo Lemos Ferrelra**  
 Atende a todos trabalhos con-  
 cernentes a sua profissão  
 Dias uteis das 8 ás 11 1/2, e  
 das 13 1/2 ás 18 horas  
 Praça O. Campos, 619

**Telhas de Zinco Usadas**  
 Vendem-se por preços  
 de ocasião  
**Vieira, Garcez & Cia.**  
 Rua João Pessoa 340

**Osman Hora Fontes**  
 Advogado  
 Rua Pacatuba, 321 — Tel. 1. 281  
 Para outras informações diri-  
 gir-se a "Fontes Irmãos &  
 Cia."  
 Rua São Cristóvão 36 - Tel. 119  
 A R A C A J U — S E R G I P E

**JOSE' SOARES DE BRITO**  
 Advogado  
 Escritorio: Redação da "FOLHA DA MA-  
 NHÃ" — Rua de Laranjeiras, 362  
 RESIDENCIA: Rua de Capela, 316,  
 CAIXA POSTAL, 37,



**Perfeição e Belleza**



Paragon, de custo inferior, sendo u'a máquina perfeita, nunca joia bonita vale por um pe-  
nha seguro e sin-  
gular de diabinho  
uma joia.

**RELOGIOS CHRONOGRAPHOS PARAGON**

NAS BOAS JOALHERIAS DO PAIS

O MAIS LINDO SENTIMENTO DE LUZ  
NAS VITRINES DA

**RELOJOARIA GONÇALVES**

ARACAJU' - Rua de Laranjeiras. 297 - SERGIPE

**Farmacia Industrial**

**Rua João Pessoa 225**

**PRESTIÇA, CONFI-  
ANÇA, PREÇOS  
SEM CONCOR-  
RENCIA**

Laboratorio de ma-  
nipulação, prepara-  
dos em geral e finis-  
sima secção de per-  
— fumarias. —

**Fabrica de Caldeiras a Vapor  
CYCLOPE S/A. — São Paulo**

**ESPECIALISTA EM:**

- Caldeiras Multitubular
- Caldeiras Aquitubular com Camaras Seccionaes
- Caldeiras Aquitubular com Tubos Verticaes
- Caldeira Vertical
- Caldeira Maritima
- Caldeira tipo Locomotiva e Locomovel
- Caldeira Tubular especial de a lapressão
- Economisadores e Superaquecedores
- Autoclaves para Industria Textil
- Aparelhos para fillragem de agua
- Estufas, radiadores e aquecedores de ar.

**Agentes para o Estado de Sergipe**

**Dantas & Krauss**

AV. BARÃO DO R'O BRANCO, 318 — ARACAJU'

**COLÉGIO  
"Jackson de Figueirêdo"**

Registrado no Departamento de Educação  
do Estado

Sob a direção do Prof.  
**Benedito A. de Oliveira**

Situado em frente ao magnifico Parque "Trólio  
Dantas" em prédios confortáveis e rigorosamente  
higienizados N. 326.356 — Fone 325

Instrução primária para ambos os sexos, baseado na  
"Escola Progressiva" estando a cargo de professoras  
Diplomadas

O Colegio mantem professores de Canto  
Orfeônico, Educação Física e Religião

Prepara alunos para exame de admissão  
a qualquer estabelecimento oficial do país.

**EXTERNATO, SIME INTERNATO, MIXTO INTER-  
NATO — SEXO MASCULINO**

Vigilância e assistência do Diretor e sua senhora

Matricula e reabertura a 2 de Fevereiro

**Colégio "Tobias Barreto"**

**SOB INSPEÇÃO PERMANENTE**

Diretor: Prof. José de Alencar Cardoso

Educação primária e secundaria para ambos os sexos

Possue Corpo docente composto de professores  
de grande reputação

Reabrirá suas aulas a 2 de fevereiro para os cursos primário e  
de admissão e a 15 de março para o curso secundário

**MATRICULAS:**

a) nos cursos primário e de admissão: início 26 de Janeiro  
b) no curso secundário — 1 a 14 de março

Estatutos e informações na secretaria do "Colégio"

**Fone 277 — Rua de Pacatuba, 288**

**ARACAJU — SERGIPE**

**Armarinho Santanna**

**Rua João Pessoa, 213**

Casa especialista em Li-  
nhas de todas as quali-  
dades.

Tem em stoco os preparados  
de Madame Seldu Potok.

**BEL. NICEU DANTAS**

**ADVOGADO**

Escritorio — Rua João Pes-  
soa n. 256 (abrado) — Resi-  
dencia, Rua de Itabaiana,  
394. Telefones Na. 5-0 e 8-0.

**Bel. Juarez de Figueiredo**

**ADVOGADO**

Causas civis, criminaes, co-  
merciais, Inventarios, co-  
brança de titulos, Questões  
trabalhistas, contratos  
e pareceres

Residencia: — Rua de Maroim N. 579



**Remington**  
  
**Novo Modelo**  
  
 muito mais forte e mais pratico!  
**Casa Pratt**  
 Agentes distribuidores em Sergipe  
**Fontes Irmãos & Cia.**  
 Com oficina montada para limpeza e concertos de maquinas a cargo do profissional: Bazequel Neves  
 Rua de São Cristovão, 39  
 Telef. 1-19 End. Teleg. - Fortaleza  
 Caixa Postal 15 - Aracaju



**Fogões Berta**  
 a lenha e a carvão  
 Vendas á vista ou pelo Credito L. B  
 Stock com os distribuidores  
**Irmãos Britto**

**Escola Domestica**  
**"Guiomar Nascimento"**  
 Serão iniciadas as aulas diurnas e noturnas do curso prático de Arte-Culinaria no dia 1º de julho.  
 Inscrição até o dia 30-6-42  
 Rua de Itabaianinha 211

**Dr. Lourival Bomfim**  
 Doença dos pulmões e aparelho digestivo  
 Consultório - Rua João Pessoa, 256  
 Residência - Rua Estância, 967

**Philomeno Hora**  
 Cirurgião-Dentista  
 Do Dep. de Saúde e Assistência do Rio ex-aluno do Prof. Coelho e Souza  
**Clinica dos dentes e da boca**  
 Consultório: Edifício Ford - Rua João Pessoa 334 - Sala dos fundos -  
 Residência: Rua Marfim - 208  
 Só atende com hora previamente marcada

**H. DANTAS**  
 AV. IVO DO PRADO, 564, — FONE 1-2-3  
**VENDE CIMENTO EM SACOS DE 42 1/2 QUILOS DA SUPERIOR MARCA**  
 — — "DOLAPORT" — —

**GUERRA A "SAÚVA"**  
 Seja patriota e inteligente. Concorra para o engrandecimento do Brasil e valorize a sua propriedade extinguindo a SAÚVA. Só o Extintor Taca abarelo moderno, economico e de eficiencia comprovada lhe garantirá completo exito.  
 Informações com o Agente:  
**Antão Corrêa de Andrade**  
 Rua S. Cristovão 83.  
 ARACAJU - SERGIPE

**Dr. A. V. Machado**  
**Clinica geral**  
 (Sífilis, Urologia, Doenças internas) — Consultório:  
 Rua João Pessoa, 274. —  
 Diariamente das 9 às 11 e 30 e das 14 às 17 horas.  
 Residência: Hotel Internacional

**CIRURGIÃO DENTISTA**  
**Paulo L. Ferrelra**  
 Atende a todos trabalhos concernentes a sua profissão. Dias uteis das 8 às 11 1/2, e das 13 1/2 às 18 horas.  
 Praça O Campos, 619

**Linhos**  
 Partidas Belgas Gagliatas  
 Artigos Superiores  
 — Informações com —  
**JOÃO CALASANS**  
 Rua de São Cristovão Numero, 34  
 Telefone, 1-65  
 Aracaju Sergipe

**Helvecio Maia & Cia.**  
 Proprietarios da Farmacia Humanitaria e do Laboratorio Photokola  
 Fabricantes do VINHO DE CAJÁ GUARACÍ  
 Desejem a todos os seus amigos e fregueses  
 Um Natal feliz e muitas venturas no decorrer do ano a entrar  
 Rua de Laranjeiras, 195 — Aracaju

Bôas Festas  
 1942  
 Feliz Ano Novo  
 1943  
 Aos seus amigos e fregueses  
**Relojoaria GONÇALVES**  
 Fundada em 1915  
 DE  
**JOSE GONÇALVES LIMA**  
 Rua de Laranjeiras, 191 e 267  
 Aracaju - Sergipe



## CORREIO DE ARACAJU – 1943

**DENTADURAS**  
**ANATOMICAS**  
 Raios X — Eletrotérpia.  
 — Cirurgia —  
 Dr. Mario M. Andrade  
 Rua João Pessoa, 211 — Aracaju  
 (14—15)

CHEGARAM TODOS OS TIPOS DE CANETAS  
**PARKER**  
 COMPRE HOJE MESMO SUA CANETA  
 — E —  
 PAGUE  
 EM  
 10 MESES  
 NA  
*Casa Dois Irmãos*  
 — DE —  
 IRMÃOS FIGUEIREDO  
 ARACAJU — RUA JOÃO PESSOA, 45 — SERGIPE

**CREDIÁRIO**  
 A Casa Vivinha, com o fim de servir cada vez melhor a sua distinta freguezia, resolveu adotar o sistema de vendas a prazo, mediante o pagamento realizado em dez meses. Assim, oferece para pagamento de 10 vezes, os seguintes artigos:  
 PERFUMES;  
 VESTIDOS;  
 BOLSAS;  
 CALÇADOS;  
 e demais artigos para senhoras.  
 Um sortimento de bom gosto, ao alcance de todo mundo.  
 Rua João Pessoa, 156.  
 19—30.

**GABINETE MÉDICO**  
 do  
**DR. HERACLITO DINIZ GONÇALVES**  
 Ex-assistente do Instituto de Fisiologia "Clemente Ferreira" de São Paulo (1939-1940). Ex-Assistente do Serviço de Cardiologia do Hospital Municipal de São Paulo (1941).  
 Clínica médica de adultos  
 Eletrocardiografia — Eletrocardiogramas.  
 Eletricidade médica — Aplicações galvânicas. Tratamento das aortites e dos aneurismas pelo método brasileiro.  
 Rentgenologia — Exames radiográficos e fluoroscópicos. Exames de Raios X em domicílio na capital e cidades do interior.  
 Fisiologia — Diagnostico e tratamento da tuberculose. Pneumotorax.  
 Exames de laboratório.  
 Instalado em todo o andar térreo do prédio à Rua João Pessoa, N. 349.  
**HORARIO:** das 10 às 12 e das 15 às 18 horas.  
 318 — ARACAJU

**DR. FERNANDO SAMPAIO**  
 Médico do Hospital de Cirurgia  
 Medicina interna de adultos  
 Cirurgia — Traumatologia  
 Consultorio — Rua João Pessoa, 211 — 1.º andar  
 Consultas: Diariamente das 14 horas às 18 horas  
 Residência — Rua de Pacatuba, 113

**DR. VALDIR BARRETO ANDRADE**  
 Medicina interna de adultos  
 Clínica, médico-cirurgica de senhoras  
 Raios infra-Vermelhos  
 Diariamente: das 14 às 18 horas  
 Consultorio: Rua João Pessoa 334  
 Edifício Ford  
 Residência: Rua Boquin 46  
 Fone: 3—5—4

**DR. OSCAR B. NASCIMENTO**  
 Urologia e Sífilis  
 Residência: Praça Camerino 45.  
 Telefone — 93  
 Consultório: — Rua João Pessoa, 181 — Sobrado  
 Consultas diárias das 14 f- 17 horas

**DR. STENIO DE M. SOUZA**  
 Clínica médica de adultos  
 Horário: das 14 às 18 horas, diariamente.  
 Consultório: Rua João Pessoa, 211  
 Residência: Rua Divina Pastora, 68

MANTEAUX, PULOWERS, CAPAS, CAZACOS, BLUZAS, PONCHES PARA COLEGAIS, SOBRETUDOS, CAMIZAS, SOMBRINHAS, GUARDA-CHUVAS,  
**Mais de 5.000 peças**  
 ACABA DE RECEBER A "CASA SERIGY", CONSTITUINDO O MAIOR SORTIMENTO DE ARTIGOS PARA INVERNO JÁ CHEGADO A ARACAJU.  
 O MAIOR SORTIMENTO DE TROPICAIS E CAZEMIRAS DA AFAMADA MARCA "AURORA".  
 Não sinta frio. Visite a  
**CASA SERIGY**  
 RUA JOÃO PESSOA 216.  
 13—20.

**DR. ALVARO PAES**  
 Ex-assist. do prof. Silva Melo (Rio)  
 Especialista em ap. digestivo, nutrição e regimens alimentares.  
 Estomago (úlceras), fígado, intestinos. Diabetes. Engordar e emagrecer.  
 Consultório: Rua S. Cristóvão, 147, sala 2, das 14 horas em diante.  
 Residência: Av. Barão Marinho, 609  
 ARACAJU

## **“O senhor dos anéis”- O caso Nelson de Rubina**

“Ontem, a cidade logo cedo, foi surpreendida com a triste notícia de que tinha sido torpedeado o vapor brasileiro Baependi, em águas sergipanas próximo à costa de Estância. Mais tarde novas notícias.

Mais dois navios nacionais tinham sido vítimas das emboscadas do Eixo.

À cidade inteira ante estas notícias alarmantes que pouco a pouco como labaredas se espalharam por todos os recantos, ficou profundamente consternada.

O comércio não abriu mais suas portas no segundo expediente.

Todos, todos, chorando a sorte de seus irmãos, vítimas da selvageria nazista, sentidos até o íntimo da alma e indignados com o torpe e covarde atentado dos agentes totalitários que, tripudiando por sobre as vítimas indefesas impotentes de reagir, trucidaram velhos, senhoras mães de família, jovens e criancinhas inocentes, perambulavam pelas ruas em busca de notícias novas que viessem esclarecer mais o bárbaro torpedeamento dos vapores brasileiros (...).

Quando a consternação já era grande e a indignação maior, chega a notícia do torpedeamento de dois outros navios nacionais – “Itagiba” e “Arara”.

Aí então redobra a consternação do povo e a sua indignação chega ao auge.

Os colegiais agora engrossados pela massa do povo grita e pede desforra.

A polícia vê-se obrigada a intervir por várias vezes afim de conter a multidão e evitar distúrbios.

O povo é dócil e obedece facilmente”. (Folha da Manhã, Aju. 18 ago. 1942, 1)

Nossa história começa com o 2º Promotor Público da Comarca de Aracaju oferecendo ao Juiz de Direito da 2ª Vara da mesma a denúncia crime contra Horácio Nelson Bittencourt, ou Nelson de Rubina, com o incurso na sanção dos artigos 155 e 212 do Código Penal, referentes a furto e vilipêndio respectivamente. Diante disso é aberto um inquérito, em 23 de outubro de 1942, para a apuração dos fatos. A lista de pessoas para prestar esclarecimentos é que dá a tônica do caminho a ser percorrido pelo processo, envolvendo as cidades de Aracaju, Salvador e Maceió. Mas quem era o tal Nelson de Rubina, e qual delito especificamente ele cometera para ser processado dessa forma?

Nelson de Rubina era um rapaz de 39 anos, recentemente casado com uma moça de Maceió, e que se dizia um comerciante de “artigos diversos”, residente na rua Maruim, nº 51, em Aracaju. Na manhã daquele 18 de agosto de 1942 dirigiu-se à Praia de Atalaia, acompanhado por um grupo de “conhecidos”:

- Josefina Matos: conhecida também como Zefinha, era uma doméstica residente na Bahia, com 25 anos de idade, muito próxima de Nelson, que se dirigia à Atalaia para procurar um conhecido seu chamado Fonseca;

- Maria das Dores, ou dona Sinhá: uma senhora de 50 anos, residente em Aracaju, amiga de Josefina;

- Maria Amélia Amador: também uma doméstica de 29 anos, residente na Bahia, que fora à Atalaia a convite de Nelson;
- Orlando de Souza Santos: chofer de praça, conhecido de dona Sinhá, que conduziu o grupo na viagem.

Todo o grupo se deslocou da Praça do Palácio à região da praia de Atalaia com um mesmo objetivo, pelo menos foi o que posteriormente contariam à polícia: buscar um conhecido de Josefina Matos, Fonseca, que, de certo, estaria entre os corpos dos naufragos, vítimas dos torpedeamentos das embarcações brasileiras, em águas territoriais, pelo U-507, submarino alemão em missão<sup>41</sup> no Atlântico. Não encontraram o corpo, porém ao retornar para sua residência, Nelson de Rubina levava consigo três anéis retirados do corpo de uma outra vítima dos torpedeamentos, identificada depois como Virginia Auto de Andrade. Não satisfeito com o ato praticado, poucos dias depois Nelson de Rubina começou a desfazer-se de dois dos três anéis, os mais valiosos, arrecadando com isso a quantia de dez mil e cem cruzeiros, um valor considerável para época de crise.

Talvez esse interessante caso nem chegasse ao conhecimento da polícia. Porém, para o azar de Nelson, o cadáver do qual ele retirara as joias era o da esposa do então Procurador do Tribunal de Segurança Nacional, Gilberto de Andrade, algo que sem dúvida acabou por agravar a situação de Rubina perante as autoridades da época.

Assim, entre 23 de outubro e 21 de novembro de 1942, tanto a polícia de Aracaju quanto a de Salvador estavam envolvidas na inquirição dos outros quatro viajantes que foram com Nelson à Atalaia. Apesar de, em alguns pontos os depoimentos divergirem, pois cada um buscava de alguma forma “salvar a própria pele”, eles apontavam para um caminho semelhante, exposto a seguir.

Durante a viagem, Nelson teria por vezes recomendado a Orlando que ao avistar um corpo diminuísse a velocidade do automóvel. Avistaram inicialmente o corpo de uma senhora que possuía um relógio no pulso com a gravação “Ruth”, retirado por Nelson e, de acordo com todos, entregue a Hormindo Menezes<sup>42</sup>, que naquele momento se prestava a recolher os

---

<sup>41</sup>O U-507 partiu em sua terceira patrulha, em direção ao sul, passando pela costa da Espanha e ao longo dos Açores, rumo ao Brasil. Em 7 de agosto de 1942 ele teria recebido de Karl Doenitz, coordenador das atividades dos *Uboote*, uma permissão para usar “manobras livres” ao longo da costa brasileira. Assim, o U-507 afundou cinco navios brasileiros de cabotagem, Baependi, Araraquara, Aníbal Benévolo, Itagira e Arará na faixa litorânea entre Bahia e Sergipe, entre 15 e 17 de agosto de 1942, resultando mais de 600 mortos. Para saber mais: [www.portalfeb.com.br/documentário-u-507/](http://www.portalfeb.com.br/documentário-u-507/)

<sup>42</sup>Em 1942 Hormindo Menezes era o diretor do Serviço de Força e Luz de Aracaju, também comerciante, de acordo com o Processo Crime contra Nelson de Rubina, dirigia-se com frequência à praia de Atalaia com uma

corpos dos náufragos. O grupo seguiu viagem até a Barra de São Cristóvão, retornando posteriormente à praia, entre dez e doze da manhã. Avistaram outro corpo de mulher. Era o cadáver de uma senhora gorda que, de acordo com todos, estava muito inchado e por isso difícil de ser reconhecido. Nelson pediu para que o automóvel parasse e, descendo dele, seguiu em direção ao corpo, revistou-o subtraindo três anéis sob pretexto de entrega-los depois à polícia: um solitário de brilhante de aproximadamente de dois quilates e aro platino, um outro anel de ouro com uma garra de prata, além de uma aliança. Josefina decidiu ir logo depois à polícia fazer com que Nelson entregasse as joias. Ao chegar lá, ele desceu do automóvel, entrou no prédio para fazer a entrega, retornando depois afirmando ter efetuado a mesma. Porém a noite, ao se encontrarem novamente, Nelson disse a Josefina que havia se esquecido de entregar os anéis, mas que o faria na manhã seguinte, pois não desejaria ficar com as joias de um cadáver.

É interessante atentarmos para a construção da autoimagem que cada um deles procurava fazer de si mesmo à justiça:

- Josefina: foi quem decidiu ir até a polícia, “*fazer com que*” Nelson entregasse as joias, e não sabia informar nada a mais, pois viajou para Salvador na manhã seguinte aos fatos, dia 19 de agosto de 1942. Afirmava também que Nelson já tinha sido preso antes por viver às custas de “mulheres da vida”;
- Maria das Dores: presenciou Nelson retirando os anéis e afirmava, assim como Josefina, as características mais peculiares das joias, mas em momento algum o teria ajudado;
- Maria Amélia Amador: só fora à praia por ter sido convidada por Nelson, para ver a chegada dos corpos dos náufragos;
- Orlando Souza: só fora à Praia porque era seu trabalho, não se aproveitou da situação, não desceu do carro e nem chegou a ver os anéis que Nelson retirou do cadáver.

Ao lermos a Apelação Crime contra Nelson de Rubina, há questionamentos que não podemos ignorar: que papel social Josefina Matos desempenhava na vida de Rubina para que dissesse que iria “*fazer com que ele entregasse as joias*”? O interessante é que Nelson só vai até à polícia, de acordo com todos os depoimentos, para entregar as joias, desce ali para tanto, e retorna dizendo que efetuara a entrega, porém à noite diz ter se esquecido, e que o faria na manhã seguinte. Das três uma; ou Nelson possuía uma memória por deveras “volátil”, ou era

---

caminhonete para ajudar a recolher os corpos dos náufragos, vítimas dos torpedeamentos de navios na costa brasileira pelo U-507.



óbvio que ele não queria entregar aqueles anéis, ou ainda: todos poderiam ter ensaiado tal “álibi”, para acobertar o possível envolvimento que cada um teria naquele caso. Ao meu ver, as duas últimas hipóteses além de relacionadas, explicam muito mais o ocorrido. Por fim, Orlando aparenta a maior neutralidade possível, mas será mesmo que assim aconteceram os fatos? Quando confrontado com o depoimento de Rubina, percebemos que o chofer não procedera exatamente como disse.

De posse dessas informações ficou determinado que Horário Nelson Bittencourt fosse ouvido e processado na Penitenciária Modelo do Estado de Sergipe, no dia 23 de novembro às 10 horas e 10 minutos. E no dia e hora marcados ele se apresentou. A fim de ser registrado respondeu ser Horácio Nelson Bittencourt, brasileiro, natural de Maruim, com 39 anos, filho de Horácio Nelson Bittencourt e dona Rubina Santos, casado e comerciante residente na rua Maruim, nº 51, em Aracaju, sabendo ler e escrever.

Inicialmente Nelson foi perguntado sobre “ *O que teria a dizer sobre os fatos constantes na portaria do Dr. Chefe de Polícia, baixada em 23/10/42, bem como as declarações prestadas por dona Maria das Dores, Maria Amélia Amador, Josefina Matos, referentes ao desaparecimento dos anéis retirados do cadáver de uma senhora, dado a praia por ocasião dos torpedeamentos do Araraquara e outros navios brasileiros?*”, e respondeu:

“Eu estava na Praça do Palácio quando, casualmente, fui convidado por Josefina Matos para ir à praia ver se de fato havia cadáveres, porque ela interessava-se pela vida de um viajante por nome Fonseca, e imediatamente aceitei o convite. Também foram Maria Amélia, uma tal dona Sinhá e o chofer de praça Orlando. Seguimos todos em direção ao Mosqueiro, onde ao chegar nos deparamos com os destroços dos navios torpedeados. De início eu e Orlando começamos a retirar de dentro do mar caixas de banha, colocando-as na parte de trás do carro. Encontramos o corpo de uma senhora com um anel e um relógio, pertences retirados por mim e entregues, contra a vontade dos demais que se achavam no carro, ao senhor Hormindo Menezes, diretor do Serviço de Luz e Força. Mais à frente do lugar onde estávamos, encontramos o senhor Capitão dos Portos, ao qual comuniquei a existência de caixas de banha no automóvel, e perguntando onde deveria fazer a entrega das mesmas, soube que na polícia. Ao retornarmos à praia, encontramos o cadáver de uma senhora, completamente irreconhecível, e tanto o chofer quanto dona Sinhá entraram na água com fito humanitário para trazer o corpo à praia. Nesse momento encontrei no dedo da mão direita do cadáver uma aliança de prata com os dizeres “*dê ouro para São Paulo*”<sup>43</sup>, e um anel de ouro (fantasia). Quando o corpo chegou mais a praia, o chofer apontou para a mão esquerda do dito cadáver mostrando um outro anel, que também tirei.

---

<sup>43</sup>Relaciona-se ao Movimento Constitucionalista de 1932, paulista, no combate ao regime de Vargas, que anulava a livre ação política e econômica em São Paulo. Como escreveu Maria Helena Capelato, “a campanha do ouro fora lançada com justificativa de que era preciso lastrear a emissão dos bônus paulistas e pagar os custos da guerra”. O ouro aparece desprovido de seu valor e significado material, sendo transformado em riqueza e valor morais. Podemos imaginar assim que dona Virgínia contribuíra para a causa paulista, pois quem assim o fazia tinha tal frase grava em algum objeto. CAPELATO, Maria Helena. **O movimento de 1932: a causa paulista**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

Quando entramos no automóvel de volta para Aracaju, não escondi os anéis de nenhum dos outros viajantes, dizendo-lhes ir entrega-los à polícia, sob protestos dos demais que me disseram “*que objetos achados nestas condições não tem dono, é de quem achou*”, sendo somente Josefina de acordo com a entrega. Orlando propôs então que os objetos ficassem com a própria Josefina, para que esta os vendesse na Bahia e depois dividisse o valor apurado com os demais. Além disso, tanto ele quanto a dona Sinhá quiseram ficar de posse das caixas de banha, mas acabaram entregando-as na Porta da Secretaria do Estado. Não concordei com a proposta de Orlando, e ao chegar na Praça Tobias Barretos disse novamente a todos ser conveniente a entrega dos objetos, mas o protesto foi unânime. Depois disso, fiquei na praça e por isso não sei dizer o destino tomado pelos demais. No dia seguinte, chegou a capital para negócios meu amigo, Moacir Miranda. Lhe informei do ocorrido e mostrei os anéis. No outro dia, 20 de agosto, nós dois fomos à residência de dona Sinhá, e no caminho avistamos Josefina e acertamos os três que Moacir viajaria dias depois, levando consigo a joia de valor para ser vendida, sendo depois repassado o dinheiro para todos os cinco viajantes de outrora. Porém tal fato não ocorreu devido ao escrúpulo de Moacir Miranda”. (Tribunal de Apelação do Estado de Sergipe, 1943, p.33-35)

Antes mesmo de continuarmos com a narração do inquérito de Nelson de Rubina, já podemos perceber como que este tinha uma habilidade em articular palavras e fatos em seu favor, claro que nada que se compare por exemplo a um Arnaud du Tilh, de “*O Retorno de Martin Guerre*”<sup>44</sup>, mas que definitivamente chamou a atenção, o que consta nos autos do processo, do escrivão responsável pelo caso. Nelson não poupa argumentos na construção de sua imagem. Ele diz que estava *casualmente* na Praça, que entregou os primeiros achados *contra* a vontade dos demais, além do que se exime de qualquer pretensão de furto ao dizer ter sido o chofer e dona Sinhá a retirarem o cadáver da água, e não ele. Tudo isso nos revela a tentativa de construção de uma imagem para a polícia, o que se assemelha, a grosso modo, ao que os narradores das cartas de perdão faziam no século XVI, tentando se eximir da punição pelo delito praticado (DAVIS, 2001).

Outro ponto interessante é que no início Nelson se refere à Maria das Dores como uma *tal* dona Sinhá. O “tal” nos mostra que não havia entre eles uma relação de proximidade, porém depois ele mesmo diz ter ido até a casa dessa mesma dona Sinhá. Mas se eles não eram próximos, como Nelson sabia onde ela morava? Ainda, no caminho encontraram com Josefina, isso era dia 20 de agosto. Mas como isso seria possível, se no depoimento a mesma Josefina disse que na manhã posterior aos fatos, o que seria dia 19 de agosto, ela se encontrava viajando de volta para Salvador? Ela foi pra Salvador dia 19 e estava novamente em Aracaju no dia 20? Ou ela nem chegou a ir para Salvador? Fico com a segunda opção.

Continuando o inquérito, Nelson foi perguntado sobre o que teria “*a dizer a respeito das declarações que lhe foram lidas e são prestadas por dona Maria das Dores, conhecida*

<sup>44</sup>DAVIS, Natalie Zemon. **O retorno de Martin Guerre**. Trad. Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.



por Sinhá, Josefina Matos, Maria Amélia e Orlando Santos? ”. Respondeu: “quanto a dona Sinhá, retornou à praia em busca de mais objetos. Josefina foi a única a concordar comigo quanto a entrega dos anéis, porém mentiu ao afirmar que fui preso. Maria Amélia se propôs, ainda quando estávamos no carro, a receber duzentos cruzeiros pela venda dos anéis. Já Orlando queria até um recibo referente a parte que lhe cabia na venda dos anéis.

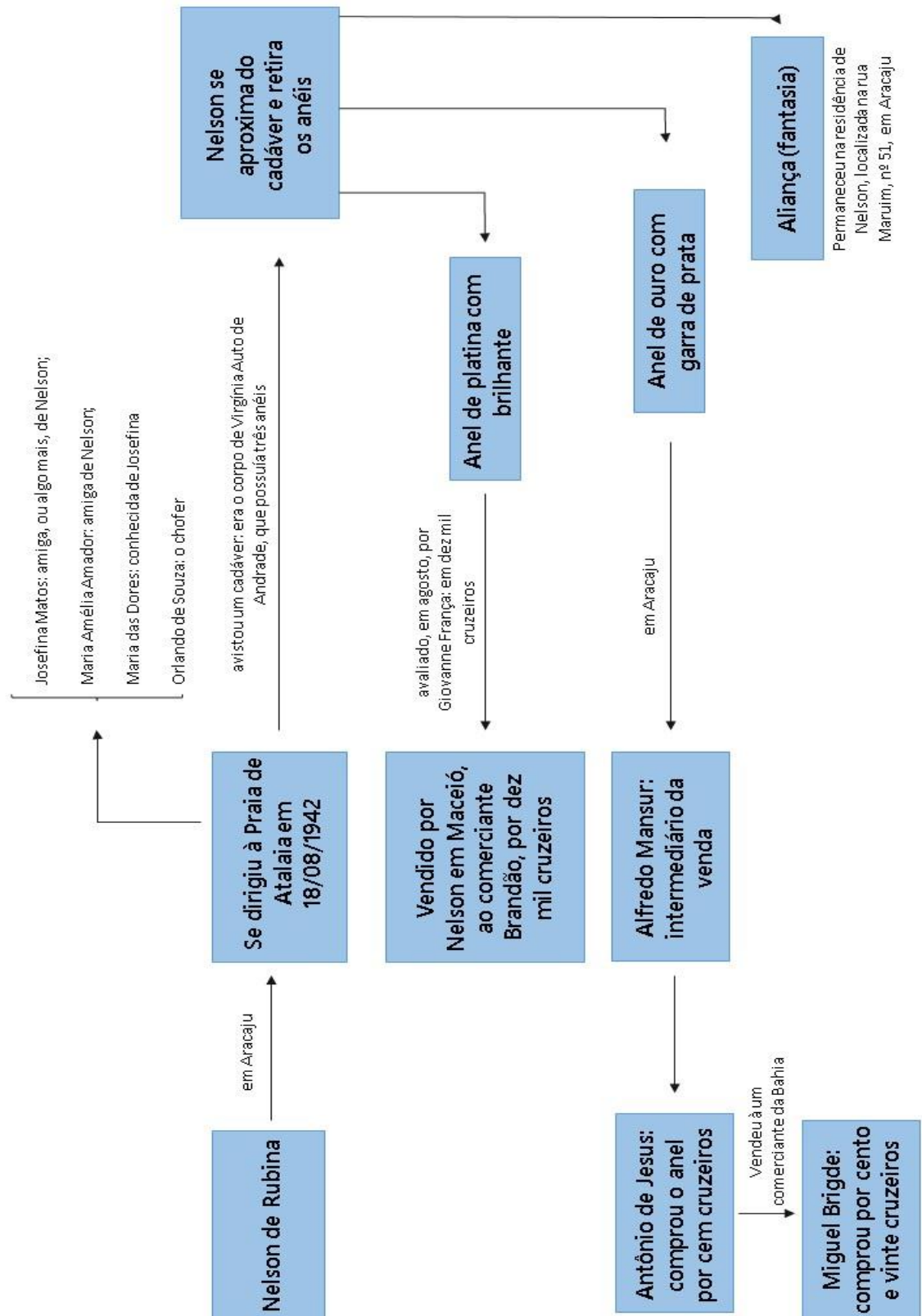
Perguntado sobre “*qual destino deu às joias?* ”, Nelson respondeu:

“Dias depois de ter encontrado o corpo, e não tendo conhecimento de reclamações alguma dos objetos, procurei ver os valores das joias, levando um anel de brilhante ao ourives Giovane, estabelecido a rua Laranjeiras, e este o avaliou em oito mil cruzeiros. Dias depois um chinês me viu com o anel no dedo e propôs troca ou compra, mas como o valor oferecido não chegava perto do anterior, o negócio não foi efetuado. Como eu tinha necessidade de viajar para o norte, cheguei em Maceió com a joia no dedo e se apresentaram vários negócios para mesma, mas preferi vendê-la por dez mil cruzeiros a um senhor Brandão, sócio de uma firma comercial de ferragens, no dia 20 de outubro daquele 1942, às 20 horas na residência do mesmo senhor, localizada a Avenida da Paz, e recebi por isso certa importância em dinheiro e outro em cheque. Quanto aos outros anéis, a referida aliança deve estar em algum lugar de minha casa, e o outro anel de ouro (fantasia) entreguei ao comprador Alfredo/gringo para vender, sem, no entanto, ter lhe dito a procedência do mesmo, e pelo qual recebi a quantia de cem cruzeiros. Segui para Recife, onde fiquei por dez dias, e ao retornar para Maceió, fui novamente à casa de Brandão para saber se este permanecia satisfeito com a compra, o que ouvi que sim. ” (Tribunal de Apelação do Estado de Sergipe, 1943, p.37)

Para facilitar, sintetizamos o longo percurso dos anéis furtados no seguinte painel<sup>45</sup>:

---

<sup>45</sup> De acordo com dados retirados da Apelação Crime de 1943.



Caro leitor, você pode pensar que ao escrever que Nelson se apresentou em Maceió com um dos anéis exposto no dedo, estou exagerando, porém é assim que se encontra registrado na Apelação Crime. Claro que podemos pensar que foi um engano por parte de quem redigiu a apelação. Ou também podemos pensar, e é a hipótese que prefiro, que Nelson se sentia tão seguro de si mesmo que não via problema algum em se exhibir em público com o anel furtado.

Encerradas as declarações de Nelson de Rubina, foram iniciadas no mesmo dia as medidas de apreensão da joia vendida em Maceió ao senhor Brandão. No dia seguinte, 24 de novembro, foi dirigido um Ofício ao Chefe de Polícia de Alagoas, Ari Pitombo, informando todo o caso e solicitando tanto a apreensão do anel quanto que fosse tomado o depoimento de Brandão.

Com o depoimento de Nelson de Rubina, nossa história ganha novas personagens, que seriam os próximos intimados a prestar esclarecimentos, tanto em Aracaju quanto em Maceió. Em Aracaju, no dia 24 de novembro de 1942, três pessoas são chamadas. O primeiro foi Alfredo Mansur, um ambulante analfabeto de 32 anos, que contou em seu depoimento que dois meses antes, em setembro, se encontrara com Nelson, que dizia estar negociando com tudo. Ele dizia também ter adquirido na Bahia um anel, e estava ali propondo uma venda, porém Mansur não tinha, conforme deixou claro, condições de pagar por aquele artigo “de luxo”. Nelson não se dava por vencido, e propôs a ele uma comissão caso conseguisse passar a joia adiante. No entanto, dias depois, Nelson teria lhe dito haver conseguido um negócio, pelo preço de cem cruzeiros, com Antônio de Jesus, um outro comerciante da capital. A venda se realizou, mas a comissão prometida antes não fora paga.

Em seguida, é chamado para depor Antônio de Jesus, um comerciante de Aracaju, casado, de 42 anos. Ele informou que no dia 2 de novembro daquele ano, apareceu no Ponto Chic Alfredo Mansur, com o qual o declarante já fizera vários outros negócios, e exibiu um anel de ouro com uma garra de prata, na qual tinha um pequeno diamante, pesando entre quatro e cinco gramas, propondo negócio por cento e quarenta cruzeiros. Este por sua vez ofereceu apenas cem, o que fora aceito sem hesitação. Antônio disse ainda que apenas adquiriu o anel com único interesse de vendê-lo, o que fez ao senhor Miguel Brigde, negociante na Bahia, pela soma de cento e vinte cruzeiros, venda esta realizada no dia 15 daquele referido mês.

Antes de darmos continuidade, prestemos atenção aos dois últimos depoimentos. Alfredo Mansur disse que em setembro de 1942 se encontrou com Nelson, e que dias depois, portanto ainda em setembro ou início de outubro, este disse ter encontrado pelo mesmo um

bom preço com Antônio de Jesus. Mas em depoimento, o mesmo Antônio de Jesus disse que comprou o anel no dia 2 de novembro daquele ano. As datas não se encaixam. Apenas lhes adianto um fato: as notícias sobre Nelson e o roubo dos anéis serão veiculadas na imprensa por volta de outubro, sendo então notório que, muito possivelmente, Antônio de Jesus já sabia da origem do anel, fruto de um furto a um cadáver, e mesmo assim efetuara a compra.

Por fim, foi a vez de depor Giovanna da Silva França, o ourives, que afirmava que em dias de agosto daquele ano, fora procurado por um senhor de nome Horácio Nelson Bittencourt, conhecido por Nelson de Rubina, que sem preâmbulos lhe exibiu um anel de platina com brilhante de dois quilates, sem defeito, para que fosse avaliado. Atendendo à solicitação, a joia fora avaliada na importância de dez mil cruzeiros, e após isso Nelson se retirou, apenas tendo dito que a mesma pertencia a uma pessoa.

Observemos: Nelson era tão habilidoso que mente no depoimento até quanto ao valor do anel de brilhante com platina, avaliado por dez mil cruzeiros, dizendo ter sido feito o mesmo por apenas oito mil. Se por acaso tivesse Nelson que reaver os valores dos anéis roubados, ainda assim estaria com um lucro de dois mil cruzeiros.

Em Maceió, os depoimentos foram feitos em 25 de novembro de 1942, na Delegacia Auxiliar de Alagoas. Inicialmente fora chamado Francisco Pereira Brandão, um comerciante de 55 anos, que relatou ter sido procurado em seu comércio, no dia 17 de outubro daquele ano, por volta das 17 horas, por Manoel Calheiros de Melo, acompanhado por um outro homem, seu desconhecido, querendo vender um anel de brilhante, dizendo pertencer ao tal homem (Nelson), pela quantia de doze mil cruzeiros, tendo o declarante oferecido dez mil. Então o desconhecido ponderou que essa quantia já tinha sido oferecida por outras pessoas, e retirou-se com Calheiros da loja, retornando, porém, à noite decididos em efetuar o negócio pelo preço oferecido anteriormente, tendo sido pagos sete mil em espécie e três mil em cheque.

Mas por que será que Nelson decidiu vender o anel por dez mil cruzeiros? Será que foi para se livrar o mais rápido possível do objeto, a fim de não levantar suspeita?

Em seguida compareceu Manoel Calheiros de Melo, um proprietário de 43 anos, casado e alfabetizado, que declarou apenas ser intermediário do negócio realizado com o anel de brilhante vendido ao comerciante Brandão, e pertencente antes a Horácio Nelson, que lhe tinha sido apresentado pelo Major Bembem Machado.

Um relatório foi feito a fim de narrar o andamento do processo. Neste relatório as três viajantes daquela ocasião juntamente com o chofer são descritos como testemunhas dos atos, e presumivelmente associados às transações comerciais posteriores. Naquele momento ainda,

como foi escrito, não se haviam realizado todas as formalidades legais, porém já se possuía a certeza da culpa de Nelson, pois o *“crime estava plenamente provado”*. Acreditava-se ainda na possibilidade de Nelson, por a sua sagacidade e destreza, prejudicar a ação policial. Devido a tal fato, o juiz encarregado solicitou a prisão preventiva de Nelson de Rubina. Assim, em 26 de novembro, estava ele sendo recolhido na Penitenciária do Estado de Sergipe.

O processo caminha. Gradativamente as joias foram apreendidas pela polícia, e em 01 de dezembro foi feita de forma legal a avaliação delas. Juntas valiam oficialmente dez mil e duzentos cruzeiros. Logo após, elas foram destinadas ao herdeiro legal de Virgínia, o seu esposo, Procurador Gilberto de Andrade.

Que Nelson era ardiloso, àquela altura do processo, as autoridades já sabiam. Porém, contra as alegações anteriores dele, no dia 05 de dezembro, a delegacia recebe um rádio do Diretor Geral de Investigações do Rio de Janeiro, César Garcez, informando que o Instituto Félix Pacheco<sup>46</sup> figurava o prontuário de Nelson de Rubina, processado em 08 de março de 1937, investigado no artigo 369, parágrafo primeiro, tendo sido julgado prescrita a ação penal por sentença de 29 de março de 1938. Em outras palavras: Nelson não tinha uma “ficha limpa” na polícia, pois já fora processado anteriormente.

Os dias se passaram, e em 21 de dezembro Nelson de Rubina é chamado para ser interrogado, mas contava agora com a orientação de uma pessoa entendida de leis e de como burlá-las, o bacharel em direito Carlos Alberto Rola. Em inquérito, Nelson afirmava novamente que não reconheceria a vítima no dia do ocorrido, e que os objetos relacionados, depois de apreendidos, não lhes foram apresentados. A respeito da acusação disse que era verdadeira quanto ao fato, porém enganosa quanto a imputação delituosa de furto e vilipêndio. Afirmou ainda não ter mais nada a declarar acerca dos fatos relacionados, e que nunca tinha sido preso ou processado, sobre isso possuindo documentos abonadores de sua vida. Nada mais disse.

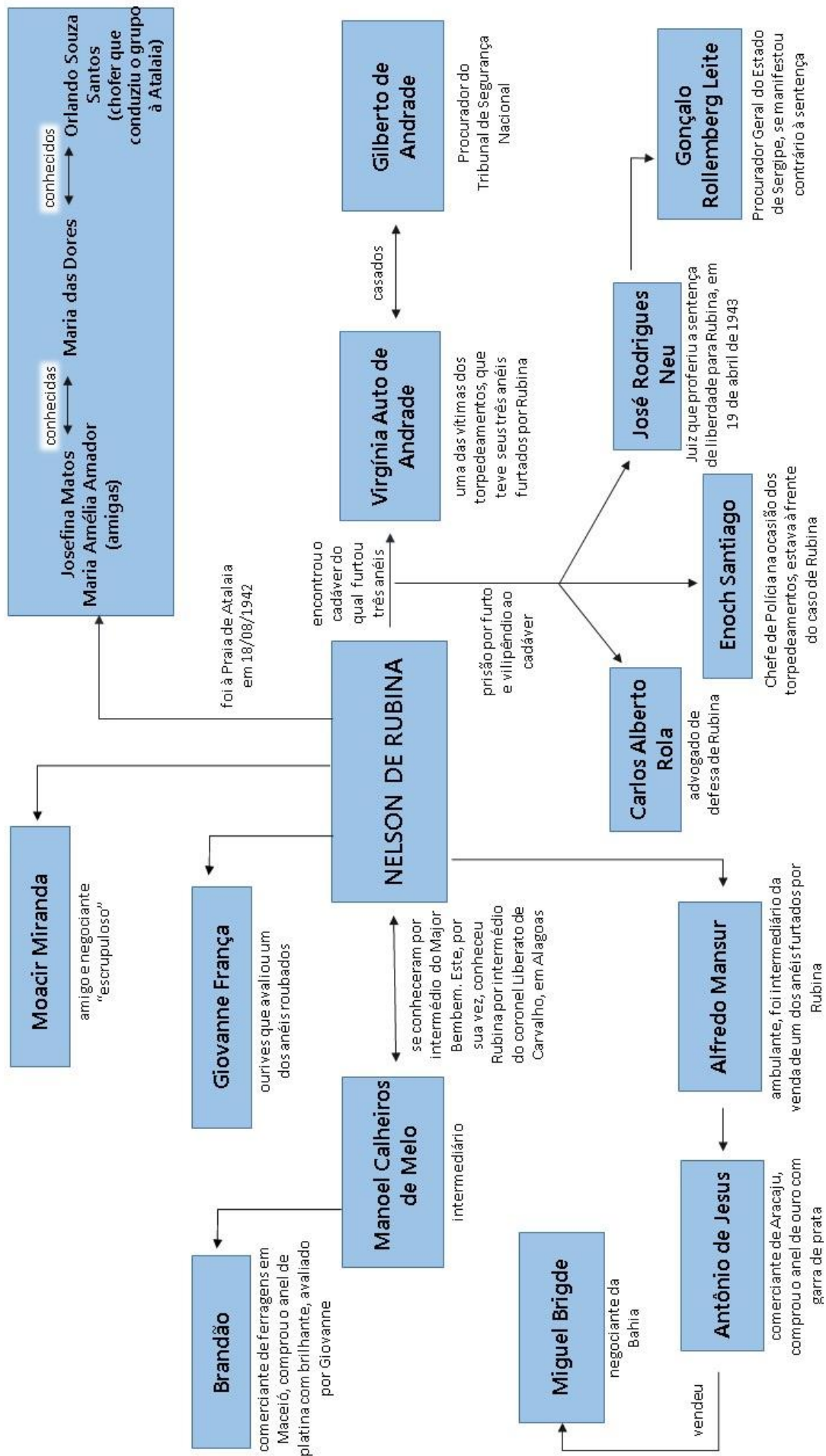
No decorrer do processo de Rubina, um outro juiz, José Rodrigues Neu, assume o caso. Por isso, tanto o acusado quanto as testemunhas foram novamente chamados à delegacia. Era hora de confrontar os depoimentos. Porém nem Orlando, por motivos de doença, nem Josefina, por residir em Salvador, compareceram.

Antes de prosseguirmos, para não nos perdermos com relação as personagens desta história e suas ligações à Nelson de Rubina, observemos o painel<sup>47</sup> que se segue:

---

<sup>46</sup>Instituto de Identificação Félix Pacheco (IIFP) é um órgão governamental especializado em identificação através de impressões digitais subordinado à Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro.

<sup>47</sup>Conforme dados recolhidos na Apelação Crime de 1943.



Agora, caro leitor, imaginemos, por mera atividade intelectual, que o grupo que acompanhara Nelson de Rubina à Atalaia, naquele fatídico 18 de agosto, realmente esperasse receber uma porcentagem da venda dos anéis. Como eles teriam se sentido quando nada receberam? Será que sustentariam seus depoimentos iniciais? Ou, nesse momento, ainda mais que antes, eles não buscariam salvar a “própria pele”, jogando a culpa só para Nelson?

A primeira a depor diante de Nelson e das autoridades foi Maria das Dores, no dia 15 de janeiro de 1943. Em relação ao primeiro depoimento, afirmava que Nelson e Orlando teriam retirado o cadáver da água, do qual Nelson retirara os anéis, e que ela não sabia as características dos mesmos. Disse ainda que nenhum dos viajantes informaram o ocorrido à polícia, e que no dia seguinte, Nelson e um outro foram à sua casa procurando por Josefina, com quem conversaram muito trancados no quarto, porém ela não sabia dizer o conteúdo da conversa.

Podemos perceber como que Maria das Dores desmente o que havia dito ao depor pela primeira vez: agora ela já não sabia mais as características dos anéis, que tão bem tinha dito antes, além de desmentir o suposto álibi de todos, referente à terem ido, pós acontecimentos, à polícia para que Nelson entregasse os anéis.

Dada a palavra, Nelson de Rubina contestou as afirmações feitas por Maria das Dores, tentando explicar que na conversa que teve a portas fechadas com Josefina Matos o assunto não teria sido os anéis.

Por que Nelson teria procurado se entender com Josefina àquela noite? Será que nesse momento Nelson não teria ido convencê-la de ficarem em silêncio sobre o que tinha se passado, e se desfazerem das joias em benefício próprio?

A segunda testemunha a depor naquele dia foi Alfredo Mansur, que ao ser questionado sobre o possível motivo para Nelson estar respondendo aquele processo disse que segundo a voz pública era por causa dos anéis encontrados na praia de Atalaia, por ocasião dos torpedeamentos dos navios. Disse ainda que Horácio Nelson era um rapaz direito e que ouviu também dizer que um dos anéis fora negociado em Maceió.

Antes de continuarmos, pensemos um pouco: como Alfredo pode afirmar que Nelson era um rapaz direito? Deveria conhecê-lo há um bom tempo, e mesmo assim fora “passado a perna” por Nelson na venda de um dos anéis, pois não recebera, como disse, a comissão prometida. E ainda assim Nelson era um rapaz direito? Só vejo uma explicação: Alfredo e Nelson tinham muito mais em comum do que disseram à polícia, talvez fossem membros de uma mesma rede de venda de produtos furtados, por que não? E por isso, para aquele seria melhor afirmar a retidão deste, do que ser também investigado pela polícia.

A última testemunha a ser ouvida naquele dia foi Giovanne da Silva França. Ao ser questionado sobre o seu conhecimento acerca dos fatos, disse que até o dia em que Nelson lhe mostrou o anel não sabia de nada a respeito das joias, só tempos depois soube na polícia que aquele anel fora subtraído de um cadáver, não sabendo nem onde nem quando. Também ficou sabendo que aquele anel teria sido negociado pelo denunciado ali presente em Maceió. Ele disse não se lembrar se mais alguém estava presente quando avaliara o anel, mas que Nelson em nenhum momento teria escondido o anel, mas sim lhe dado para avaliar às claras. Disse por fim que nunca soubera de fato ou ato errado de Nelson, e que este tivera sempre bom procedimento.

Tanto Alfredo Mansur quanto Giovanne da Silva estavam prestando depoimentos de frente para Nelson de Rubina, o que explicaria ambos terem ressaltado a retidão e o bom procedimento do réu, pois caso contrário, Nelson poderia, sabendo de alguma conduta duvidosa daqueles dois, dizer ali mesmo, diante de todos. E ninguém queria ter seus “podres” revelados, ainda por cima naquelas circunstâncias.

No dia seguinte, precatórias<sup>48</sup> foram expedidas para Salvador e Maceió a fim de serem ouvidas as testemunhas Josefina Matos, Maria Amélia Amador na primeira, e Francisco Pereira Brandão e Bembem Machado na segunda cidade.

Em Maceió, o Juiz da 3ª Vara do Município intimou as testemunhas a comparecerem à Delegacia para depor, bem como Manoel Teixeira de Vasconcelos, nomeado curador do réu ausente, e o 2º Promotor Público de Aracaju à frente do caso. E em 04 de fevereiro todos compareceram.

A primeira testemunha a depor foi Francisco Pereira Brandão, que disse ter sido procurado pelo agente de negócios Manoel Calheiros de Melo, juntamente com um homem, não conhecido seu, em setembro. Eles ofereciam a venda uma joia.

A novidade do depoimento de Brandão foi que ele afirmava ter consultado Manoel Calheiros a respeito da legalidade daquela venda, e tendo ouvido que era lícito efetuou o negócio. Brandão disse ainda que somente 30 dias depois fora divulgado o fato realizado por Nelson na imprensa, e somente então compreendera que havia adquirido a referida joia por desconhecimento dos fatos.

O leitor atento poderia pensar ter havido uma confusão com meses da minha parte, pois no primeiro questionário respondido por Brandão aparece que o negócio em torno do anel fora efetuado em 17 de outubro, e agora aparece ter sido em algum dia de setembro.

---

<sup>48</sup>Solicitação feita por um órgão judicial a outro para que pratique ato ou processo relativo exclusivamente à sua jurisdição.



Porém não há confusão alguma. É exatamente assim que aparece nos autos do processo. Pensemos um pouco: se ele disse que a compra fora realizada em setembro e só 30 dias depois foram divulgados fatos na imprensa, isso seria por volta de outubro, certo? Assim é só pensarmos que se ele continuasse afirmando que a compra do anel se realizara em 17 de outubro, ele também poderia estar “nas entrelinhas” dizendo que talvez já soubesse dos feitos de Nelson e que mesmo assim efetuara a compra. E naquele momento, certamente, ele não iria querer ser cúmplice de Nelson. Mas isso é só uma hipótese de minha parte.

Continuando com os esclarecimentos, Brandão afirmava ter sabido depois que antes de efetuar a compra da dita joia, outros, como o comerciante Antônio Nogueira, já tinham sido procurados por Nelson em busca de um valor acima do oferecido.

Questionado pelo Promotor Público, Brandão ainda respondeu que sabia pela imprensa que Nelson de Rubina havia subtraído três anéis de um cadáver encontrado na praia, porém como tinha dito não o conhecia, e que a primeira vez que o viu foi devido ao mesmo acompanhar Manoel Calheiros em fins da venda do anel. Este por sua vez era um homem, para o depoente, honesto, e que nunca se ouviu dizer do mesmo ter tido algum envolvimento com negócios daquele tipo. Disse ainda que assim que soube da procedência do anel foi entregá-lo a polícia.

Como “*assim que soube foi entregá-lo a polícia*”? Ele mesmo disse que ficou sabendo em outubro, e o anel só foi apreendido e entregue à polícia por volta de 27 de novembro. Novamente Brandão mente em depoimento, o que pode nos revelar que possivelmente estava envolvido com Nelson muito mais do que dizia.

A segunda testemunha prestou esclarecimentos no dia seguinte, era Américo de Melo Machado, conhecido por Major Bembem. Ele contou às autoridades que conhecera Nelson de Rubina na época que o coronel Liberato de Carvalho chegara a Maceió, tendo sido apresentado ao mesmo Nelson por alguns de seus amigos, que lhe disseram ser Nelson pessoa de confiança do mesmo coronel. Ali, Nelson frequentava a “alta rede” e vivia no meio dos médicos, bacharéis, comerciantes, e seu prestígio era fruto de seu contato e da confiança que possuía da parte de Liberato de Carvalho. Quando o coronel fora demitido do cargo que ocupava dissera a Nelson que saísse de Alagoas e fosse para Sergipe, prometendo-lhe uma colocação de destaque. Meses depois, Nelson teria novamente aparecido em Maceió e ao se encontrar com ele, conforme relata Bembem, o mesmo mostrou-lhe um anel que dizia ser de sua propriedade por ter adquirido a um amigo e perguntou por quanto ele avaliava e se era de fácil comercialização ali. A joia fora então avaliada entre dez e doze mil cruzeiros e passada para Manoel, conhecido por Bidé, encarregado por Nelson para conseguir um comprador. O

referido anel passou assim pelas mãos de diversas pessoas da alta sociedade maceioense, sendo finalmente vendido ao senhor Francisco Pereira Brandão, e só meses depois da venda efetuada, declarou o Major, é que ficara sabendo que o anel fora subtraído do cadáver da senhora Virgínia, e que não achava honesto o que Nelson fizera, por considerar que a obrigação seria entregar o achado às autoridades, mas que o achava um rapaz descente, que por certo estaria sem a devida reflexão de seus atos.

No dia 11 de fevereiro de 1943 às 10 horas no Cartório do Juiz da 1ª Vara Criminal, conforme intimação, compareceram Maria Amélia Amador e Josefina Matos. Aquela, ao ser questionada sobre o ocorrido em torno das joias, disse que após Nelson retornar ao carro, já de posse dos anéis, mostrou-lhe afirmando serem fantasia (bijuterias). Esta por sua vez continuou a afirmar que Nelson dissera ir entregar as joias à polícia, alegando serem as mesmas fantasias, e que nada sabia acerca da conduta dele. A última testemunha a depor fora Orlando Souza, que afirmava em tudo o que dissera no depoimento anterior.

Em março daquele 1943, tanto a promotoria responsável pela acusação quanto a defesa empreenderam argumentos na tentativa de persuadir o juiz para a sentença a ser dada posteriormente. A acusação alegava que as joias não chegaram às mãos de Nelson de Rubina por casualidade, erro ou força da natureza, mas por um furto, para o qual utilizou-se de “manha, ardil, sagacidade e despistamento”. Já a defesa afirmava com veemência que a ida de Nelson de Rubina à praia de Atalaia naquela ocasião fora fruto do acaso, os anéis foram retirados do cadáver por ignorância da lei e sem artifícios, como também foram esses comercializados às claras, indo assim contra a acusação de furto, para qual seria necessário tudo ser feito “às escondidas”.

Finalmente, em 19 de abril de 1943, o juiz expede a sentença para Nelson de Rubina. A mesma considerava que o acusado não furtara os anéis, já que os retirara na presença de todos e não às escondidas, o que qualificaria um crime, e que também não teria, de acordo com todos, proferido palavras desrespeitosas ao cadáver, desqualificando o vilipêndio. Assim, em 28 de abril de 1943, Nelson de Rubina se encontrava novamente em liberdade.

No entanto, era de se esperar que tal liberdade não fosse aceita entre os membros “mais bem posicionados” da sociedade aracajuana da época, pois o crime os tinha causado um grande impacto, afinal de contas o cadáver do qual se subtraía os anéis era o de alguém conhecido. A parte responsável pela acusação de Nelson conseguiu mobilizar até os desembargadores sergipanos contra a sentença, e no dia 26 de junho de 1943 a Procuradoria Geral do Estado de Sergipe, através de Gonçalo Rollemberg Leite, se manifesta na tentativa de “provar” que o ato praticado por Nelson era algo hediondo e que, portanto, precisava de

uma severa punição. De nada adiantou. A sentença fora confirmada e, mesmo havendo ainda manifestações contrárias, Nelson de Rubina permanecia sem que nada mais ameaçasse sua liberdade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vale a pena lembrarmos, caro leitor, que os acontecimentos aqui narrados ocorreram em um período, como já fora abordado, em que o país passava por um processo de moralização. Só para termos uma ideia, em 14 de julho de 1942, cerca de um mês antes dos torpedeamentos, um soldado da polícia militar, José Batalha, recebeu uma detenção de quatro dias, além de ter que prestar serviços, não discriminados no documento<sup>49</sup>, por ter sido encontrado em público no dia anterior com o uniforme desabotoado, o que era considerado uma *transgressão média*. A partir deste caso, podemos perceber se atualmente um crime como vilipêndio pode nos causar certo espanto, certamente sua repercussão em uma sociedade, onde andar com o uniforme desabotoado era tido por infração média, não passaria despercebido.

A Apelação Crime de Nelson de Rubina possui cerca de 248 páginas, nas quais seu nome aparece escrito pelo menos 279 vezes, entre acusação e defesa. É através dela que podemos construir a imagem de nossa personagem, a partir do que diziam dele, quer positiva quer negativamente, e do que ele próprio dizia de si mesmo.

Para as testemunhas, a imagem de Rubina é paradoxal. Ora ele seria alguém de índole duvidosa, pois, de acordo com testemunhos contidos na Apelação, já teria sido preso por viver às custas de “mulheres da vida”<sup>50</sup>, e não costumava honrar com os “compromissos” assumidos, já que prometera uma comissão à um negociante pela venda de um dos anéis, e que nunca lhe pagou, ora Rubina seria um rapaz direito, descente, de bom procedimento e com amizades em todos os grupos sociais, que incluía até mesmo a Polícia de Alagoas.

Para as autoridades que investigavam o caso, Nelson era alguém sagaz e extremamente habilidoso com as palavras, capaz de “*influir no ânimo dos cúmplices, fazendo desaparecer os melhores elementos*” de sua culpa, sendo inclusive capaz de fugir, para não ser condenado por um crime que já estava, para eles, “*plenamente provado*”.

Já Nelson de Rubina, principalmente em seu primeiro depoimento às autoridades em 23 de novembro de 1942, tentava mostrar-se ingênuo, que fora à praia naquela ocasião por pura casualidade, e que, apesar de protestos unânimes dos demais, ele entregou todos os achados à polícia, e só não fez o mesmo com os anéis porque os demais companheiros não

---

<sup>49</sup> Arquivo Público do Estado de Sergipe, Pasta de Segurança Pública, Polícia Militar – SP4, 19, PG.647, 1942.

<sup>50</sup> No Estado Novo brasileiro, a prostituição, considerada um “mal social”, era legalizada, mas a cafetinagem era crime, diferentemente do que ocorria na Alemanha, que desde 1933 fora proibida tal prática por ser considerada um crime contra a raça.

permitiram. Rubina também tentava demonstrar a todo momento ser um comerciante de bem, com boa índole, casado, acima de qualquer suspeita, e que possuía boas amizades.

Analizando a Apelação Crime, é como se, através de Rubina, pudéssemos vislumbrar dois “modelos” muito divulgados na época, e quase antagônico: o *homem novo*, bastante disseminado pelo Estado brasileiro, e o *homem cordial*, na adaptação feita por Sérgio Buarque de Holanda, em *Raízes do Brasil*<sup>51</sup>.

Por um lado, havia o modelo de *homem novo*, ao qual todo brasileiro deveria seguir para ser considerado um bom cidadão, e que tanto a defesa quanto o próprio Rubina procuravam acomodar à sua imagem para se livrar da pena pelo furto e vilipêndio ao cadáver de Virgínia Auto de Andrade, por ocasião dos torpedeamentos. Nesse modelo, o brasileiro seria um homem honesto, moralizado, cumpridor dos seus deveres, que via no Estado o verdadeiro sujeito da liberdade, e que abraçaria o “trabalho” como meio de valorização do homem e como forma de conquistar “a prosperidade econômica, a cultura intelectual, o respeito e a proteção do Estado. A ordem política se destina a assegurar a paz, a concórdia, o bem-estar, a felicidade dos que trabalham pelo bem comum.” (GOMES, 1982, p.126/127)

Muito possivelmente, por tais motivos, Nelson de Rubina reforçava sempre ser um comerciante, cumpridor dos seus deveres, casado, e que nunca fora preso. Poderia ser uma tentativa de, se enquadrando no modelo proposto, evitar a condenação.

Por outro lado, havia o modelo de homem cordial adotado por Sérgio Buarque de Holanda, em 1936, para descrever a identidade nacional brasileira. Esse modelo faz referência à distância da noção ritualista da vida, ao desejo de se tentar estabelecer intimidade a qualquer custo, ao horror às distâncias que determinados cargos acarretam. Tal conceito representaria um agir típico<sup>52</sup> do brasileiro, herdado do sistema colonial.

Se levarmos em conta o discurso de defesa adotado por Nelson de Rubina podemos perceber uma aproximação desse modelo, pois logo no início afirmou que “estava na Praça do Palácio quando, casualmente, foi convidado por Josefina Matos para ir à praia”, sendo assim, em um período de extrema valorização do ideal de trabalho, Rubina se encontrava em uma praça fazendo o mínimo de esforço possível. Também vemos o seu ser cordial quando, em busca de se mostrar amigo de pessoas influentes, esquece dos cargos ocupados por tais e passa a se referir ao chefe de polícia de Alagoas, Altino Teixeira, por exemplo, como alguém “com quem se entendeu e que teria se tornado francamente seu lado”, ou então ao se referir

<sup>51</sup>HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 26 ed., 1995.

<sup>52</sup>Que constitui um tipo, um modelo que permite produzir um número indeterminado de indivíduos que se reconhecem perante si como um conjunto.

ao Capitão Rivaldo Jardim Brito, ora a serviço da Unidade Federal de Salvador, como alguém com fizera “*camaradagem e algumas vezes teriam estados juntos em jantares e em diversões (...)*”.

Como já foi dito aqui, o caso de Nelson de Rubina muito possivelmente só não ficou no anonimato perante a sociedade sergipana porque o cadáver furtado era o de uma pessoa com notoriedade social na época. Porém tal caso não correspondia com o estereótipo divulgado oficialmente de sergipano pacato, correto e solidário, e por isso foi considerado pelo chefe do Gabinete de Polícia do Estado, Enoch Santiago, como único caso registrado em toda a extensão do litoral sergipano. Mas será realmente que tal caso foi único?

De acordo com as entrevistas utilizadas para confecção do documentário *U-507*<sup>53</sup>, pessoas que residiam na época próximo às regiões que davam os corpos vítimas dos torpedeamentos afirmam que muitos sergipanos se dirigiam àquelas regiões em busca de recolher algo de valor. No entanto poderíamos nos questionar sobre relevância de uma pesquisa sobre um caso que não representa uma singularidade, já que Nelson não fora o único a praticar tais atos.

Partindo aqui do princípio de que Nelson de Rubina não era uma exceção à regra, podemos considerar seu feito como “uma manifestação” de uma “ideia” partilhada, mesmo que inconscientemente, por outros membros da cultura à qual ele fazia parte: a atração pela possibilidade de lucro fácil, sem muito esforço para tanto. E por ele podemos resgatar justamente os “sentidos conferidos ao mundo e que se manifestam em palavras, discursos, imagens, coisas, práticas”. (PESAVENTO, 2008, p.16 e 17)

Nelson de Rubina, diferente do moleiro Menocchio de *O queijo e os vermes* (GINZBURG, 1987) é representativo de uma sociedade que por mais imposição que o Estado Novo fizesse, na tentativa de edificar o bom brasileiro, “limpo” de toda a imoralidade, possuía pessoas que em seu cotidiano não seguiam “ao pé da letra” tais propostas. Mais que saber se Nelson de Rubina agiu de forma certa ou errada, percebemos, pelo seu caso, como ele manifesta, mesmo que inconscientemente, uma parte desta cultura que o governo de Vargas não conseguiu moldar.

---

<sup>53</sup>CARVALHO, Rubens. **U-507**. Brasil, português, colorido, 2008. Disponível em [www.youtube.com.br/watch?v=Cg3WXi2Zg9Q](http://www.youtube.com.br/watch?v=Cg3WXi2Zg9Q)

## GLOSSÁRIO

**CINE E TEATRO RIO BRANCO:** Localizado na rua João Pessoa, foi inaugurado pelo italiano Nicolau Pungitori em 1904 com o nome de “Teatro Carlos Gomes”, sendo anos mais tarde vendido a um empresário, conhecido por “Zé Bolacha”, que tinha Juca Barreto por sócio, passando a chamar-se Cine e Teatro Rio Branco. Ele encerrou suas atividades em 2002. No local, onde somente a fachada lembra o Cinema, funcionam atualmente as Lojas Ipanemas.

**CINE GUARANY:** Localizado na rua Estância nº 1043, esquina com a avenida Pedro Calazans, em Aracaju, e de propriedade de Augusto Fernandes Luz, era frequentado por todas as classes sociais. A divulgação da programação dos filmes era anunciada nos jornais, na Rádio Difusora, no Serviço de Alto-falante da Empresa de Propaganda Guarany, através de tabuletas expostas na porta do cinema ou presas em postes de iluminação elétrica.

O Cine Guarany, juntamente com o Cine Teatro Rio Branco, o Rex e o São Francisco, representava muito mais que uma sala para exibição cinematográfica. O cinema em Aracaju era um espaço de sociabilidade, também durante os difíceis anos da Segunda Guerra e do Estado Novo. Representavam uma “janela” para o mundo, que possibilitava aos aracajuanos atualizar informações sobre o conflito mundial, além de permitir trocas de opiniões sobre o mesmo, e sobre o Estado Novo, representando assim uma forma de resistir as imposições deste.

**CINE REX:** De Propriedade de Sr. Anízio Dantas, funcionava até o início dos anos de 1940 na rua Pacatuba, passando depois a localizar-se entre a rua Itabaianinha e o Parque Teófilo Dantas, no centro de Aracaju, possuía construção e acomodações simples e paredes de madeira.

Assim como os demais cinemas existentes em Aracaju, o Cine Rex se transformou em um difusor do *American way of life*, nos anos de Segunda Guerra Mundial, além de uma forma a mais utilizada pelo governo para persuadir os aracajuanos a apoiarem as medidas tomadas pelo governo, e impedir possíveis resistências ao regime ditatorial de Vargas. Durante o

conflito mundial, o cinema era uma forma a mais de sintonizar a população com o que ocorria no Brasil e no resto do mundo, sempre adaptados ao contexto sergipano.

**CINE SÃO FRANCISCO:** Localizado na Praça Siqueira Menezes no bairro Santo Antônio, Aracaju, era propriedade dos frades franciscanos de nacionalidade alemã que moravam no convento da colina, e seu público provinha do Santo Antônio, 18 do Forte, Cidade Nova, Sanatório e Bairro Industrial principalmente.

Como relata o memorialista Murilo Melins, durante a Segunda Guerra, os tais frades foram acusados de ser “quinta-coluna”, sendo por isso alguns presos, e o convento ameaçado de depredação pela população aracajuana revoltada com os torpedeamentos de navios brasileiros pelo U-507, na faixa litorânea entre Bahia e Sergipe.

“O comentário que circulava na época era que aqueles religiosos germânicos, altas horas das noites, entravam no cinema, arriavam a tela de projeção e ligava o projetor cinematográfico, que emitia sinais luminosos em direção à barra, enviando mensagens em “morse”, e norteando os submarinos alemães para futuros ataques”. (MELINS, 2010)

**DEIP:** Antes denominado por Departamento de Propaganda e Divulgação Estadual (DPDE), era o órgão estatal responsável por gerenciar a cultura e realizar a autopropaganda em Sergipe, fora criado por um Decreto Federal de fevereiro de 1939, sendo apenas em 1941 transformado em Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda, ou simplesmente DEIP. Serviu para aperfeiçoar a proposta do DPDE, sediado no Salão nobre da Biblioteca Pública Estadual, foi responsável por sistematizar ainda mais o controle cultural já exercido pelo Estado Novo. Organismo estatal dedicado a propagandear os atos e projetos dos homens do governo e a implantar um veículo de comunicação em massa – a primeira rádio difusora sergipana, estava envolvido em eventos diversos, apesar de contar com um modesto número de funcionários. Foi responsável, desde de 1939 a 1945, pela construção de representações idealizadas, colocando em funcionamento um conjunto de mecanismos dedicados a construir um imaginário social nos sergipanos favorável à conjuntura política até então vigente.

**ENOCH SANTIAGO:** Nascido em 10 de novembro de 1892 na cidade de Lagarto, Sergipe, filho de Ivo do Santiago Matusalém e Maria Bemvinda. Em 1925 bacharelou-se na Faculdade



de Ciências Jurídicas e Sociais da Bahia. Exerceu a promotoria pública de Aracaju até 1932, ano que assumiria a função de Procurador Fiscal dos Feitos da Fazenda. Em 1935 foi nomeado Juiz de Direito de Santo Antônio de Vila Nova, hoje Neópolis, sendo pouco depois transferido para a comarca de Maruim. Em 10 de novembro de 1937, por um decreto do então Interventor de Sergipe, Eronildes de Carvalho, Enoch Santiago viu-se obrigado a se aposentar, transferindo-se para Itabuna, ao sul da Bahia, onde assumiu o cargo de secretário da OAB. Com Augusto Maynard reassumindo o Governo de Sergipe, Enoch Santiago retorna ao estado, no qual, a partir de 30 de maio de 1942 assumiu o cargo de Chefe de Polícia do Estado, permanecendo no mesmo até fevereiro de 1943, ano que fora nomeado Juiz de Direito da 1ª Vara da Comarca de Aracaju. Em 1945 foi nomeado Desembargador do Tribunal de Justiça, cargo que desempenhou até sua morte, em 16 de fevereiro de 1957.

Foi como chefe de Polícia, em 1942, que Enoch Santiago teve contato direto com o único caso registrado oficialmente de um sergipano, Nelson de Rubina, ter se dirigido à praia de Atalaia, região onde davam os corpos das vítimas do U-507, e ter roubado três anéis de um desses corpos, o de Virgínia Auto de Andrade. Posteriormente Enoch também abriria um inquérito para investigar possíveis simpatizantes do nazismo entre os sergipanos.

**PONTO CHIC:** De propriedade de Augusto Andrade, foi inaugurado em 20 de outubro de 1918 e pode ser considerado o mais famoso café e ponto de encontro de seu tempo. Era um dos cafés que funcionava na esquina das ruas João Pessoa e Laranjeiras, onde posteriormente foi instalada a Delegacia do Ministério do Trabalho, que servia como ponto de encontro da sociedade sergipana e integrava o “circuito cultural” daquelas ruas. Segundo Fernando Porto, em *“Alguns nomes antigos do Aracaju”*, o ambiente do Ponto Chic era muito bem tratado, havia “mesas de tampo de mármore e pés de ferro fundido e, na parede lateral, uma barra de azulejos coloridos, terminando numa fiada de peças com relevo, de fabricação inglesa.” Frequentado por um público quase totalmente masculino, as atividades do Ponto Chic foram encerradas em 18 de abril de 1969.

Ponto de encontro muito famoso entre os homens, era no Ponto Chic que os mais abastados sergipanos se encontravam para fazer negócios, tais como Nelson de Rubina se encontrou ali com um possível comprador para um dos anéis que ele furtara de um cadáver vítima do U-507. Nos difíceis anos da Segunda Guerra, o Ponto Chic era um dos poucos locais de Aracaju onde todos os homens, até os envolvidos com trabalhos relacionados com o governo, podiam se distrair da tensão imposta pela guerra e pela constante vigilância do Estado Novo.

**PONTE DO IMPERADOR:** localizada na Avenida Rio Branco, em frente à praça do Palácio e próximo ao Terminal Hidroviário, foi construída em madeira no final de 1859 para receber o vapor *Apa*, da Companhia Brasileira de Paquetes a Vapor, e assistir ao desembarque de D. Pedro II, foi inaugurada em 11 de janeiro de 1860. Chamou-se Ponte do Desembarque, Ponte do Governador, Ponte Metálica ou Ponte do Presidente, até que por um decreto-lei do Interventor Eronildes de Carvalho, em 1939, passou a ser denominada de Ponte do Imperador D. Pedro II, ou simplesmente Ponte do Imperador. Após reforma ganhou estrutura de ferro. A Ponte do Imperador sempre atraiu pessoas, em particular casais, por ser considerada um lugar propício para galanteios em noite enluaradas.

No contexto da Segunda Guerra Mundial, o local passou a atrair, nos tempos de blackout programado, grupos de boêmios que gostavam de cantar e beber ao luar o ir a ponte transformou-se assim em uma das formas de resistência perante as imposições do Estado Novo, além de ser também uma espécie de reação “contra” as medidas de esforço de guerra que foram adotadas por Sergipe.

**PRAIA DE ATALAIA:** Considerada pelo cronista Mário Cabral em 1948 uma das mais belas praias do Nordeste brasileiro, e atualmente uma das praias urbanas mais frequentadas, a praia de Atalaia confere o título de atração turística ao bairro de mesmo nome, situado ao sul da cidade de Aracaju. A paisagem natural até a primeira metade do século XX era típica de um ecossistema litorâneo, com dunas e manguezais. Até 1930 possuía difícil acesso, sendo habitada apenas por pescadores e sitiantes, que após o recuo do mar, fora ocupando os terrenos e construindo as primeiras moradias. A vida cotidiana das primeiras comunidades dedicava-se aos banhos no Rio Poxim, e a prática da pesca e do roçado. O acesso à região fora facilitado em parte pela construção em 1937 de ponte velha, como é conhecida, sobre o rio Poxim, aproximando assim o distante povoado da capital, divergindo do que era comum antes, como nos conta Pires Wynne, onde só “*se viajava em saveiro, em canoa, ou por terra firme, no lombo de alimária*”.

No momento em que Sergipe fora surpreendido pelos cadáveres dos torpedeamentos na costa brasileira, no contexto da Segunda Guerra, os moradores da praia de Atalaia, região de pescadores, lavradores de mandioca, colhedores de coco e vendedores de biju que abasteciam a feira de Aracaju, passaram a se deparar com cadáveres dos passageiros dos navios atingidos na costa, e sem saber ao certo o que tinha ocorrido, assistiram a vinda de pessoas de estados próximos, como a Bahia por exemplo, em busca de notícias de parentes desaparecidos em

virtude dos naufrágios, além de muitos do local terem se prestado a ajudar na coleta e no sepultamento dos corpos.

**U-507:** Submarino alemão tipo IXC, de longo alcance, pertencente a *Kriegsmarine*, atuou no contexto da Segunda Guerra Mundial. O U-507, pertence à categoria do U-Boot ou *Unterseeboot* (pequeno-barco-debaixo-de-água), possuía como alvos os navios de carga que transportassem suprimentos e material bélico com destino à Europa, e era comandado pelo alemão capitão de corveta Harro Schacht, que pelos seus feitos ganharia notoriedade na Alemanha nazista.

## **FONTES UTILIZADAS:**

Tribunal de Apelação do Estado de Sergipe, 1943.

Arquivo Público do Estado de Sergipe, Pasta de Segurança Pública, Polícia Militar – SP4, 19, PG.647, 1942.

## **PERIÓDICOS**

- CORREIO DE ARACAJU:

**Correio de Aracaju.** Aju. 04 jan. 1939,7.

**Correio de Aracaju.** Aju. 07 jan. 1939, 4.

**Correio de Aracaju.** Aju. 09 jan. 1939, 2.

**Correio de Aracaju.** Aju. 10 jan. 1939,1.

**Correio de Aracaju.** Aju. 10 jan. 1939, 2.

**Correio de Aracaju.** Aju. 10 jan. 1939, 5 .

**Correio de Aracaju.** Aju. 11 jan.1939, 1.

**Correio de Aracaju.** Aju. 01 jul. 1939, 3.

**Correio de Aracaju.** Aju. 25 jul. 1940, 4.

**Correio de Aracaju.** Aju. 27 jul. 1940, 4.

**Correio de Aracaju.** Aju. 29 jul. 1940, 2.

**Correio de Aracaju.** Aju. 30 jul. 1940, 4.

**Correio de Aracaju.** Aju. 31 jul. 1940, 2.

**Correio de Aracaju.** Aju. 31 jul. 1940, 3.

**Correio de Aracaju.** Aju. 31 jul.1940, 4.

**Correio de Aracaju.** Aju. 13 ago. 1940, 2.

**Correio de Aracaju.** Aju. 31 jan. 1941, 2.

**Correio de Aracaju.** Aju. 29 mai. 1941, 2.

**Correio de Aracaju.** Aju. 29 mai. 1941, 3.

**Correio de Aracaju.** Aju. 31 mai. 1941, 2.

**Correio de Aracaju.** Aju. 31 mai. 1941, 3.

**Correio de Aracaju.** Aju. 31 mar. 1943, 3.

**Correio de Aracaju.** Aju. 31 mai. 1943, 1.

**Correio de Aracaju.** Aju. 31 mai. 1943, 2.

**Correio de Aracaju.** Aju. 30 jun. 1943, 4.

- FOLHA DA MANHÃ:

**Folha da Manhã.** Aju. 26 jul. 1940, 1.

**Folha da Manhã.** Aju. 30 jul. 1940, 1.

**Folha da Manhã.** Aju. 30 ago. 1940, 1.

**Folha da Manhã.** Aju. 29 nov. 1940, 1.

**Folha da Manhã.** Aju. 31 jan. 1942, 2.

**Folha da Manhã.** Aju. 31 jan. 1942, 4.

**Folha da Manhã.** Aju. 3 jan. 1942, 6.

**Folha da Manhã.** Aju. 31 mar. 1942, 2.

**Folha da Manhã.** Aju. 31 mar. 1942, 3.

**Folha da Manhã.** Aju. 31 mar. 1942, 4.

**Folha da Manhã.** Aju. 31 mar. 1942, 5.

**Folha da Manhã.** Aju. 31 mar. 1942, 6.

**Folha da Manhã.** Aju. 30 abr. 1942, 6.

**Folha da Manhã.** Aju. 29 mai. 1942, 5.

**Folha da Manhã.** Aju. 30 mai. 1942, 3.

**Folha da Manhã.** Aju. 30 jun. 1942, 3.

**Folha da Manhã.** Aju. 30 jun. 1942, 4.

**Folha da Manhã.** Aju. 30 jun. 1942, 5.

**Folha da Manhã.** Aju. 27 jul. 1942, 4.

**Folha da Manhã.** Aju. 18 ago. 1942, 1.

**Folha da Manhã.** Aju. 19 ago. 1942, 1.

**Folha da Manhã.** Aju. 21 ago. 1942, 1.

**Folha da Manhã.** Aju. 31 out. 1942, 2.

**Folha da Manhã.** Aju. 24 dez. 1942, 3.

**Folha da Manhã.** Aju. 24 dez. 1942, 5.

**Folha da Manhã.** Aju. 30 dez. 1942, 4.

**Folha da Manhã.** Aju. 31 dez. 1942, 2.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Adênia Santos. **João Pessoa e Laranjeiras: duas ruas no imaginário cultural e patrimonial entre as décadas de 20 e 40 do século XX.** Disponível em: [http://www.uesb.br/anpuhba/anais\\_eletronicos/Ad%C3%AAnia%20Santos%20Andrade.pdf](http://www.uesb.br/anpuhba/anais_eletronicos/Ad%C3%AAnia%20Santos%20Andrade.pdf)

Data de acesso: 01/09/2015.

ANDRADE, Adênia Santos & FILHO, José de Oliveira B. **O ir e vir das ruas João Pessoa e Laranjeiras (1920-1940).** São Cristóvão: Editora UFS, 2012.

\_\_\_\_\_. **A paisagem urbana de Aracaju a partir das ruas João Pessoa e Laranjeiras.** Disponível em: [educonse.com.br/2012/eixo\\_19/PDF/9.pdf](http://educonse.com.br/2012/eixo_19/PDF/9.pdf) . Data de acesso: 01/09/2015.

\_\_\_\_\_. **As faces e sociabilidade das ruas João Pessoa e Laranjeiras.** Disponível em: [http://educonse.com.br/2012/eixo\\_19/PDF/25.pdf](http://educonse.com.br/2012/eixo_19/PDF/25.pdf) . Data de acesso: 01/09/2015.

ARAS, Lina Maria Brandão de & CRUZ, Luiz Antônio Pinto. Submarinos alemães e o cotidiano de Aracaju. In: **Revista do IHGSE.** Aracaju, n. 40.

ASSIS, Raquel Anne Lima de. **Os cinemas aracajuanos em dias de “combates” e “seduções” (1939-1945).** Disponível em: [www.snh.anpuh.org/resources/anais/27/1364756340\\_ARQUIVO\\_RaquelAnne-Anpuh.pdf](http://www.snh.anpuh.org/resources/anais/27/1364756340_ARQUIVO_RaquelAnne-Anpuh.pdf) , Data de acesso: 07/03/2015.

ASSIS, Raquel Anne Lima de & MAYNARD, Dilton Cândido Santos. **O fim do mundo começou no mar: os ataques do Submarino U-507 ao litoral sergipano em 1942.** Disponível em: [http://www.revistanavigator.com.br/navig17/dossie/N17\\_dossie4.pdf](http://www.revistanavigator.com.br/navig17/dossie/N17_dossie4.pdf) . Data de acesso: 07/03/2015.



BARONE, João. **1942: o Brasil e sua guerra quase desconhecida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

BARRETO, Luiz Antônio. **Dicionário de nomes e denominações de Aracaju**. Aracaju: Banese, 2002.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Trad. Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CABRAL, Mário. **Roteiro de Aracaju**. Aracaju: Banese, 3 ed., 2002.

CABRAL, Ricardo; FERRER, Jorge; LAPSKY, Igor; SCHURSTER, Karl; SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (org.). **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2010.

CARONE, Edgar. Estado Novo e Mitologia. **O Estado Novo (1937-1945)**. Rio de Janeiro/São Paulo: Difel, 1977.

CAPELATO, Maria Helena R. **Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo**. Campinas, SP: Papirus, 1998.

\_\_\_\_\_. **O movimento de 1932: a causa paulista**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

COELHO, Hamilton Gomes. **As posturas e o saneamento básico em Aracaju entre 1855 a 1920**. (Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) Universidade São Judas Tadeu: São Paulo, 2012.

CORRÊA, Isabella Cristina Chagas; VARGAS, Maria Augusta Mundim. **Memória e identidade: traços da festa de Bom Jesus dos navegantes no Bairro Atalaia – Aracaju/SE**. Disponível em:

[www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1308313623\\_ARQUIVO\\_CONGRESSOCONLAB\[1\]finalizado.pdf](http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1308313623_ARQUIVO_CONGRESSOCONLAB[1]finalizado.pdf) . Data de acesso: 03/03/2015.

CRUZ, Débora Souza. **Meretrizes e prostíbulos: lazer e prazer no cotidiano de Aracaju durante o Estado Novo**. (Monografia de conclusão do curso de Licenciatura em História) Universidade Federal de Sergipe: São Cristóvão, 2011.

CRUZ, Luiz Antônio Pinto. **“A guerra já chegou entre nós”! O cotidiano de Aracaju durante a guerra submarina (1942 -1945).** (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal da Bahia: Salvador, 2012.

DARTON, Robert. Um burguês organiza seu mundo: a cidade como texto. IN DARTON, Robert. **O grande massacre de gatos e outros episódios da História Cultural francesa.** São Paulo: Graal, 2011.

DAVIS, Natalie Zemon. **Histórias de perdão e seus narradores na França do século XVI.** Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. **O retorno de Martin Guerre.** Trad. Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

“Desembargador Enoch Mathusalém Santiago”, disponível em: [www.tjse.jus.br/paginas/memorial/enoch.pdf](http://www.tjse.jus.br/paginas/memorial/enoch.pdf) . Data de acesso: 03/03/2015.

DUTRA, Eliana de Freitas. **O ardil totalitário: imaginário político no Brasil dos anos 30.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ/ Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.

FALCÃO, Alexandre (coordenador e editor). **História da Hotelaria no Brasil.** Rio de Janeiro: Insight Engenharia de Comunicação, 2007.

FEITOSA, Cid Olival. Reflexões acerca do urbano em Sergipe. In: **Revista Econômica do Nordeste.** Fortaleza. v. 37, nº 3, jul.-set. 2006.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição.** Trad. Maria Betânia Amoroso. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GOMES, Ângela Maria Castro, OLIVEIRA, Lúcia Lippi e VELLOSO, Mônica Pimenta. **Estado Novo: Ideologia e Poder.** Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 26 ed., 1995.

JUDT, Tony. **Pós-Guerra: uma história da Europa desde 1945.** Trad. José Roberto O’Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

MAYNARD, Andreza Santos Cruz & MAYNARD, Dilton Cândido Santos. Dias de luta: traços do cotidiano de Aracaju (1939-1945). **OPISIS**, Catalão, v. 9, n. 12, jan-jun 2009.

MAYNARD, Andreza Santos Cruz. Carestia e roubo de galinhas: problemas no cotidiano de Aracaju. In: MAYNARD, Andreza Santos Cruz & MAYNARD, Dilton Cândido. **Leituras da Segunda Guerra Mundial em Sergipe**. (org.) São Cristóvão: Editora UFS, 2013.

MAYNARD, Andreza Santos Cruz. “Em technicolor! Em terceira dimensão!”: Hollywood em Aracaju durante a II Guerra Mundial. **Revista Eletrônica Boletim do TEMPO**, Ano 5, Nº33, Rio, 2010 [ISSN 1981-3384].

MAYNARD, Dilton Cândido Santos. Bares, Cafés e Pinga-Pus na Aracaju dos Tempos de Guerra. IN MAYNARD, Andreza Santos Cruz & MAYNARD, Dilton Cândido Santos (org.). **Leituras da Segunda Guerra Mundial em Sergipe**. São Cristóvão: Editora UFS, 2013.

\_\_\_\_\_. O “notável empreendimento”: Estado Novo, propaganda política e radiofusão em Sergipe. Disponível em: [periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/srh/article/download/11375/6489](http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/srh/article/download/11375/6489) . Data de acesso: 03/03/2015.

\_\_\_\_\_. O violinista e a guerra: artistas do rádio, cultura e sociedade em Sergipe no Estado Novo. In MAYNARD, Dilton Cândido Santos (org.). **Visões do mundo contemporâneo**. São Paulo: LP-Books, 1 ed. 2012.

MEDINA, Ana Maria Fonseca. **Ponte do Imperador**. Aracaju: Gráfica J. Andrade, 2 ed., 2005.

MELINS, Murilo. **Aracaju romântica que vi e vivi: anos 40 e 50**. Aracaju: UNIT, 2010.

NOGUEIRA, Adriana Dantas. **Análise sintático-espacial das transformações urbanas de Aracaju (1855-2003)**. (Tese de Doutorado) Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2004.

PASSOS, Elayne Messias. **Intervenções urbanas e ressignificações no centro de Aracaju: um estudo do Beco dos Cocos**. (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal de Sergipe: São Cristóvão, 2013.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PINHEIRO, Rafaelle Camila & SANTOS, Cristiane Alcântara de Jesus. Evolução urbana, cultura e turismo no centro urbano de Aracaju- Se. **Ponta de Lança**. São Cristóvão, v.6, n. 11 out. 2012- abr 2013.

PORTO, Fernando de Figueiredo. **Alguns nomes antigos do Aracaju**. Aracaju: Gráfica e Ed. J. Andrade Ltda, 2 ed, 2011.

SANTOS, Elissandra Silva. **Breves notas sobre a história do livro em Sergipe: tipografias, gráficas, livreiros, livrarias e editoras na Aracaju do século XX (1900-1970)**. II Seminário Brasileiro Livro e História Editorial. Universidade Federal Fluminense, 2009.

SANTOS, Waldefrankly Rolim de Almeida. Modernidade e Moradia: aspectos do pensamento sobre a habitação popular no processo de modernização das cidades sergipanas (1890-1955). In: **Revista do IHGSE**. Aracaju, n. 40, pp. 93 - 112, 2010.

\_\_\_\_\_. Prostituição, cidade e imprensa: um ensaio sobre Aracaju na era Vargas (1937-1945). In: **Revista Cordis: História, Corpo e Saúde**. n.7, jul. / dez. pp.311-336, 2011.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. O século sombrio: entre luzes e sombras IN: **O século sombrio: uma história geral do século XX**. Rio De Janeiro: Elsevier, 2004. p. 1-25.

TEIXEIRA, Nísio. Breve panorama do cinema sergipano. Disponível em: [http://www.filmespolvo.com.br/site/artigos/fora\\_de\\_quadro/977](http://www.filmespolvo.com.br/site/artigos/fora_de_quadro/977) . Data de acesso: 16/01/2016.

TELES, Eduardo Lopes. **O ofício de barbeiro: memória, tradições e modernidade**. (Dissertação de mestrado em Antropologia) São Cristóvão: UFS, 2012.

TOTA, Antônio Pedro. **O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

VILAR, José Wellington. **A expansão da área de consumo: a velha e a nova centralidade intraurbana de Aracaju (Brasil)**. (Doutorado em Análisis Geográfico En La Ordenación Del Teritorio) Universidade de Granada: Espanha, 2000.